

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

**ZILDA MISSENO PIRES SANTOS**

**A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE  
SURDOS EM GOIÁS: AVANÇOS E DESAFIOS**

Inhumas - GO

2025

**ZILDA MISSENO PIRES SANTOS**

**A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE  
SURDOS EM GOIÁS: AVANÇOS E DESAFIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de pesquisa 2:** Cultura, Escola e Formação

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marlene Barbosa de Freitas Reis

Inhumas-GO

2025



Campus  
Metropolitano  
UnU - Inhumas



Universidade  
Estadual de Goiás



ESTADO  
DE GOIÁS

## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor (a), autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

#### Dados do autor (a)

Nome Completo: Zilda Misseno Pires Santos

E-mail: [missenozilda@gmail.com](mailto:missenozilda@gmail.com)

#### Dados do trabalho

Título: **A IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM GOIÁS: AVANÇOS E DESAFIOS**

Dissertação

Concorda com a liberação documento?

SIM [ ] NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa.

**Inhumas, 10 de março de 2025**

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

ZILDA MISSENO PIRES SANTOS

Data: 11/03/2025 11:51:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Assinatura do autor / autora**

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

MARLENE BARBOSA DE FREITAS REIS

Data: 11/03/2025 16:08:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Assinatura do orientador / orientadora**

UEG/Unidade Universitária de Inhumas - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE – UEG/Inhumas)

Av. Araguaia, n.400. Vila Lucimar, Inhumas-Go. CEP 75403-577 - Contatos: (62) 3514-3122 - [www.ppge.ueg.br](http://www.ppge.ueg.br) - E-mail: [ppge@ueg.br](mailto:ppge@ueg.br)

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Mi            Misseno Pires Santos, Zilda  
              Implementação de Escola Bilíngue em Goiás: Avanços e  
              Desafios. / Zilda Misseno Pires Santos; orientador  
              Marlene Barbosa de Freitas Reis; co-orientador Selma  
              Regina Gomes. -- Inhumas, 2025.  
              94 p.

              Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
              Mestrado Acadêmico em Educação) -- Unidade de Inhumas,  
              Universidade Estadual de Goiás, 2025.

              1. Implementação de escolas bilíngues para surdos em  
              Goiás. 2. Avanços. 3. Desafios. I. Barbosa de Freitas  
              Reis, Marlene, orient. II. Regina Gomes, Selma,  
              co-orient. III. Título.



Universidade  
Estadual de Goiás



ESTADO DE GOIÁS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIDADE  
UNIVERSITÁRIA INHUMAS

## ATA Nº 06/2024/DEFESA

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, A QUE SE SUBMETEU O DISCENTE **ZILDA MISSENO PIRES SANTOS**, ORIENTADO PELO PROFA. DRA. MARLENE BARBOSA DE FREITAS REIS.

Aos seis dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e cinco, **(06/02/2025)**, a partir das catorze horas, nas dependências da Unidade Universitária de Inhumas, realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação intitulada **“Implementação de Escola Bilíngue na educação de surdos em Goiás: Avanços e Desafios”**. Os trabalhos foram instalados pela presidente, Profa. Dra. Simone de Magalhães Vieira Barcelos (Presidente/PPGE-UEG/Inhumas), que substituiu a Profa. Dra. Marlene Barbosa de Freitas Reis (Orientadora/PPGE-UEG/Inhumas), que está de licença médica e apresentou os demais membros da banca: Profa. Dra. Selma Regina Gomes - UniMais/Inhumas (Co-orientadora), Prof. Dr. Claudio Pires Viana - (Membro Interno/PPGE-UEG/Inhumas). Profa. Dra. Edna Misseno Pires (Membro Externo/UFG). A presidente da sessão deu a palavra ao discente para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus integrantes, sob a condição de incorporar as indicações da banca ao texto final, dentro do prazo estabelecido em regimento. Proclamados os resultados pela presidente, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata, que vai

assinada pelos integrantes da banca. Em Inhumas, aos seis dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e cinco.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Simone de Magalhães Vieira Barcelos (Presidente/PPGE-UEG/Inhumas)

Profa. Dra. Selma Regina Gomes - UniMais/Inhumas (Co-orientadora)

Prof. Dr. Claudio Pires Viana - (Membro Interno/PPGE-UEG/Inhumas)

Profa. Dra. Edna Misseno Pires (Membro Externo/UFG)



Documento assinado eletronicamente por **SIMONE DE MAGALHAES VIEIRA BARCELOS, Vice-Coordenador (a)**, em 06/02/2025, às 16:04, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **CLAUDIO PIRES VIANA, Docente de Ensino Superior**, em 06/02/2025, às 16:06, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Edna Misseno Pires, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 16:10, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **SELMA REGINA GOMES, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 18:37, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site [http://sei.go.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=1](http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1) informando o código verificador **69817945** e o código CRC **73AA64A0**.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA INHUMAS  
AVENIDA ARAGUAIA 400 Qd.14 Lt., S/C - Bairro VILA LUCIMAR

INHUMAS - GO - CEP 75400-000 - (62)3514-1345.



Referência: Processo  
nº 202500020001138



SEI 69817945

## AGRADECIMENTOS

À Jeová Deus primeiramente, por me agraciar com o dom da vida e usufruir do seu cuidado amoroso. Não posso deixar de mencionar meus queridos pais adormecidos na morte que na sua simplicidade foram nossos grandes mestres.

Aos meus amigos, meus colegas mestrando pelos incentivos, pelas trocas e caronas, por me apoiarem e acreditar em meu sonho de realizar esse mestrado.

À minha família, minhas filhas Laynne e Isabella que tanto me ajudaram e me ajudam, dando todo suporte necessário, poupando de certos afazeres para que eu pudesse me dedicar a pesquisa. Em especial ao meu esposo e eterno namorado que nunca deixou de me apoiar em palavras e ações.

À minha orientadora, Marlene Reis que sempre deu todo o suporte necessário.

Agradeço a comunidade surda por me oportunizar a experiência de conhecer esse universo do silêncio.

Ao Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia e ao grupo gestor, por permitir adentrar em seu espaço, afim de realizar minha pesquisa.

Aos professores que se disponibilizaram em participar das entrevistas, apresentando falas que nos levaram a significativas reflexões.

A professora Edna Misseno, primeiro como profissional de extrema competência e pelo seu profissionalismo e ética ao ler o meu trabalho e depois como amiga em tantas lutas e conquistas e em tantas perdas e esperanças.

Ao Professor Cláudio Viana que desde o primeiro dia eu pensei: Eu quero esse professor em minha banca, tamanha humildade e conhecimento que nos é passando de forma tão poética

A professora Selma Regina pelo suporte durante essa trajetória.

Ao PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de vivenciar essa experiência do mestrado!

## RESUMO

A presente dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Goiás, na linha de pesquisa 2: Cultura, Escola e Formação. Esta proposta de pesquisa tem como origem uma inquietação que me acompanha por mais de 20 anos em minha atuação profissional como professora e intérprete em língua de sinais. Essa inquietação advém, em especial, da observação das dificuldades do aluno surdo em construir seu conhecimento e sua identidade linguística. Dentro da atual proposta inclusão em que a mediação do conhecimento ocorre através do tradutor intérprete de Libras, porém na modalidade de educação bilíngue para surdos a figura do TILPS não existe como mediação do conhecimento, mas sim a figura do professor bilíngue em escolas bilíngues. Desta forma surge a seguinte questão: Quais os avanços e desafios na implementação de escola bilíngue para surdos em Goiás. Questão que norteou essa investigação. Também é importante ressaltar que à educação dos surdos, tem sido objeto de diferentes abordagens educacionais, como: o oralismo, a comunicação total e atualmente o bilinguismo. Esta pesquisa apresenta como objetivo geral: Compreender os avanços e desafios na implementação da primeira escola de educação bilíngue para surdos em Goiás sob a perspectiva dos profissionais envolvidos. Os objetivos específicos são: (i) Abordar a trajetória histórica da educação dos surdos; (ii) conhecer e comentar os respaldos legais e as políticas públicas conquistadas pelos movimentos surdos voltadas à discussão do tema em investigação; (iii) identificar os avanços desafios enfrentados pela primeira escola bilíngue de Goiás, bem como se o processo de ensino advindo de professores bilíngues possibilita uma melhor compreensão dos conteúdos pelos alunos surdos do Centro Educacional Bilíngue de Surdos em Goiás. Em relação à metodologia, o estudo se caracteriza em uma pesquisa com abordagem qualitativa, fenomenológica e bibliográfica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo em que foram desenvolvidas interpretações teóricas, entrevistas semiestruturadas com 08 (participantes) professores surdos e ouvintes, grupos gestores, intérpretes, aluno surdo e o surdo fundador da associação de surdos de Goiânia e também o responsável por trazer Libras para Goiás. O referencial teórico proposto inicialmente para esta investigação é constituído por autores como: Skliar (1997); Quadros (1997, 2000, 2004), Sá (1999), Fernandes (1990, 2006), dentre outros que têm, no decorrer da história, oportunizado debates e o fortalecimento da luta da comunidade surda no Brasil, em prol de uma educação bilíngue. A análise dos dados se deu segundo os estudos de Bardin (2016). Os dados obtidos e sua relação com as teorias levaram ao aprofundamento de três blocos de análises e suas categorias: Implementação da escola bilíngue (movimento da comunidade surda) Perfil da Escola Bilíngue, com Identidade da escola Bilíngue, fluência da língua Brasileira de Sinais-libras) e a Participação dos Surdos. (liderança surda e família). Os estudos realizados permitiram encontrar aspectos relacionados aos avanços e desafio na implementação da primeira escola bilíngue em Goiás. Que serão elencados no decorrer desta pesquisa. Os resultados apontam para necessidade de implementar medidas práticas para a efetivação do bilinguismo no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE: SURDOS; EDUCAÇÃO DE SURDOS; BILINGUISMO; ESCOLAS BILÍNGUES**

## ABSTRACT

This dissertation was presented to the Graduate Program in Education – PPGE, at the State University of Goiás, in Research Line 2: Culture, School, and Formation. This research proposal originates from a concern that has accompanied me for over 20 years in my professional work as a teacher and sign language interpreter. This concern arises, particularly, from observing the difficulties that deaf students face in constructing their knowledge and linguistic identity. Within the current inclusion model, where knowledge is mediated through the sign language interpreter, in bilingual education for the deaf, the role of the TILPS (Sign Language Interpreter and Translator) does not exist as a mediator of knowledge, but rather the role of the bilingual teacher in bilingual schools. Thus, the following question arises: What are the advances and challenges in the implementation of bilingual education for the deaf in Goiás? This is the question that guided this investigation. It is also important to highlight that deaf education has been the subject of different educational approaches, such as: oralism, total communication, and currently bilingualism. The general objective of this research is to understand the advances and challenges in implementing the first bilingual school for the deaf in Goiás from the perspective of the professionals involved. The specific objectives are: (i) Address the historical trajectory of deaf education; (ii) Examine and discuss the legal frameworks and public policies won by the deaf movements related to the theme of the investigation; (iii) Identify the advances and challenges faced by the first bilingual school in Goiás, as well as whether the teaching process by bilingual teachers enables a better understanding of content by deaf students at the Bilingual Deaf Educational Center in Goiás. Regarding the methodology, the study is characterized as qualitative, phenomenological, and bibliographical research. For this, field research was conducted, involving theoretical interpretations, semi-structured interviews with 08 (participants) deaf and hearing teachers, management groups, interpreters, a deaf student, and the deaf founder of the Goiânia Deaf Association, as well as the individual responsible for bringing Brazilian Sign Language (Libras) to Goiás. The theoretical framework proposed for this investigation is composed of authors such as Skliar (1997); Quadros (1997, 2000, 2004), Sá (1999), Fernandes (1990, 2006), among others who, throughout history, have facilitated debates and strengthened the struggle of the deaf community in Brazil in favor of bilingual education. The data analysis followed Bardin's (2016) studies. The data obtained and their relation to the theories led to the deepening of three blocks of analysis and their categories: Implementation of the bilingual school (deaf community movement), Profile of the Bilingual School, with Identity of the Bilingual School, fluency in Brazilian Sign Language (Libras), and Participation of the Deaf (deaf leadership and family). The studies revealed aspects related to the advances and challenges in implementing the first bilingual school in Goiás. Which will be listed during this research. The results point to the need to implement practical measures to achieve bilingualism in Brazil.

**KEYWORDS: DEAF; DEAF EDUCATION; BILINGUALISM; BILINGUAL SCHOOLS**

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

<b>Quadro 1</b> - Pesquisas a partir do levantamento de produções com proximidade com os temas: Escolas Bilíngue para surdos – BDTD.....	18
<b>Quadro 1</b> - Participantes da pesquisa, função, formação, tempo junto à comunidade surda e cargo.....	22
<b>Figura 1</b> – Alfabeto de Juan Pablo Bonet.....	30

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AC - Antes de Cristo

AEE – Atendimento Educacional Especializado

AMDASGO - Associação das Mulheres Deficientes Auditivas e Surdas de Goiás

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASG - Associação dos Surdos de Goiânia

ASL - Língua de Sinais Americana

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAS - Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

Corde - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IFG - Instituto Federal de Goiás

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

IPG - Instituto Pestalozzi de Goiânia

IPG - Instituto Pestalozzi de Goiânia

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

LDB - Lei das Diretrizes e Bases da Educação

LET - departamento de letras

MEC - Ministério da Educação

NUPPES/UFRGS - Núcleo de pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ONU - Organização das Nações Unidas

PUC-GO - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SEDUC-GOIÁS - Secretaria Estadual de Educação de Goiás

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TILPS-Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

UCG - Universidade Católica de Goiás

UEG - Universidade Estadual de Goiás

UNB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URFJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

WFD - Federação Mundial dos Surdos

WFT - *World Federation of the Deaf*

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.0 PERCURSO TRILHADO PARA A PESQUISA .....</b>	<b>16</b>
1.1 O levantamento bibliográfico.....	17
Estratégias Pedagógicas Desenvolvimento humano: Um estudo sobre uma Escola Bilíngue Para surdos do Centro Oeste.....	19
Sou Surdo e não sabia? Situação linguístico, cultural, educacional em Sumé/PB e o processo de implantação da Escola Bilíngue no Município.....	19
1.2 A metodologia escolhida para esse trabalho.....	20
1.3 Dos Participantes.....	22
1.4 O espaço de investigação.....	23
1.5 Sobre a interpretação de dados.....	24
<b>2.0 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS E DIFERENTES ABORDAGENS EDUCACIONAIS.....</b>	<b>26</b>
2.1 Oralismo .....	32
2.2 Comunicação Total .....	35
2.3 Bilinguismo.....	36
2.4 A história da Educação dos surdos no Brasil.....	37
<b>3.0 A ESCOLA QUE TEMOS NÃO É A ESCOLA QUE QUEREMOS.....</b>	<b>41</b>
3.1 Escola bilíngue X Escola inclusiva.....	41
<b>3.1.1 Escola Inclusiva e suas características.....</b>	<b>41</b>
3.1.2 Escolas Inclusivas.....	42
3.3 Movimentos surdos em prol de uma Educação bilíngue.....	46
3.4 Movimentos surdos no mundo: Avanços e conquistas .....	50
3.5 Movimentos surdos no Brasil .....	51
3.5.1 Movimentos em favor do reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil e suas conquistas.....	53
3.6 Movimentos surdos em Goiás .....	55
<b>4.0 IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE EM GOIÁS: AVANÇOS E DESAFIOS.....</b>	<b>59</b>
4.1 Escolas bilíngues no Brasil.....	60
4.2 A Educação de surdos em Goiás.....	62
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

## APRESENTAÇÃO

*Não sei... se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira e pura... enquanto durar (Cora Coralina).*

Iniciei as considerações com uma epígrafe do poema da saudosa Cora Coralina por entender que, assim como expresso por essa incomparável poetisa Goiana, a vida só faz sentido quando tocamos o coração do outro.

Jamais conseguiria falar de minha trajetória sem mencionar a minha grande motivação de vida: os meus amados pais, o senhor José Misseno Filho (mais conhecido por Zé Missenininho e a Dona Maria Aparecida, meus grandes mestres e doutores, graduados e pós graduados na academia da vida, pois nos bancos de uma escola secular jamais tiveram a oportunidade de sentar, mas que ensinaram aos seus 8 filhos a mais complexa das teorias: o bom caráter e honestidade; e sempre nos alertaram que essa jamais pode ser dissociada da prática.

Ao lermos um trabalho científico sempre nos perguntamos: O que levou o autor a escrever sobre o tema? Bem, no meu caso foi a paixão que ao logo da minha vida foi sendo desenvolvida por essa fascinante língua - Língua Brasileira de Sinais (Libras), que diferente das demais línguas orais, se dá pelo perfeito balé clássico das mãos daqueles que a usam; que diferente das demais línguas, fala-se com as mãos, mas é com o coração que se ouvem os seus belos sons.

O meu contato com a Libras se deu pela primeira vez em 1992 ao ser aluna do digníssimo professor Edson Franco Gomes. <sup>1</sup>Essa experiência aumentou a minha paixão e, a partir de então, o meu envolvimento com o mundo do silêncio foi se tornando cada vez mais fortalecido.

Embora jamais tivesse a pretensão de que Libras se tornasse um campo de trabalho, isso surgiu naturalmente em 1998 como intérprete em língua de sinais, na primeira escola <sup>2</sup>de referência em inclusão do Estado de Goiás. Naquele ano, a escola atendia 11 alunos surdos. Atuei nessa modalidade de 1998-2004 na rede pública de ensino.

---

<sup>1</sup> O professor Edson Franco Gomes (surdo) foi um dos pioneiros em trazer Libras para o estado de Goiás, sendo o mesmo, fundador da Associação dos surdos de Goiânia no ano de 1975.

<sup>2</sup> A Escola Estadual Dom Abel situada na região Leste universitário de Goiânia, sendo a primeira escola de referência no atendimento de alunos surdos em uma proposta de educação inclusiva em Goiás em 1996.

Iniciei minha vida acadêmica em 2002 no curso de Pedagogia da então Universidade Católica de Goiás/UCG, atualmente Pontifícia Universidade Católica de Goiás, tendo concluído no segundo semestre do 2005. Iniciei em 2004 minha formação continuada *lato sensu* no curso de Educação Especial pela Universidade de Michelangelo/DF, concluindo a mesma em 2006. Em 2014, conclui pela Faculdade Araguaia minha segunda pós-graduação *lato sensu* em Formação de Professores de Libras e Braile.

Após a conclusão da graduação e especialização 2005 – 2008, atuei como professora horista sem vínculo em cursos de extensão em Libras a graduandos dos cursos de magistério superior e demais cursos no Centro Universitário de Goiás. No ano de 2006 - 2007 passei a atuar também como professora regente do ciclo<sup>3</sup> II <sup>4</sup>na Rede Municipal de Goiânia. O meu interesse pela área de docência crescia cada vez mais, de forma a buscar novas modalidades de atuação e, no ano de 2011, me integrei ao Núcleo de Ensino a Distância como professora tutora da disciplina de Libras-EAD, no Centro Universitário de Goiás (Uni-Anhanguera).

A experiência como professora de Libras e intérprete me oportunizou atuar também de 2006 – 2013 na pós-graduação como professora convidada no curso de pós-graduação em formação docente para professores bilíngues na Faculdade Araguaia e Alfredo Nasser.

Obtive a aprovação no concurso para o quadro permanente do magistério público Estadual da Secretaria de Educação do Estado de Goiás no ano de 2007, e devido à experiência com a educação especial, atuei de 2007 - 2015 como professora de apoio a crianças surdas no Centro Especial Elyso Campos em Goiânia. De 2015 a 2017 tive a importante experiência de trabalhar como professora de Libras na UEG (Universidade Estadual de Goiás) em regime temporário no curso de Ciências biológicas. E no ano de 2014, obtive também aprovação no processo seletivo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – GO) para professora horista do departamento de letras – LET, atualmente faço parte do quadro docente efetivo desta instituição. Em 2022/2 passei a compor o quadro de discente como mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Goiás do polo de Inhumas (PPGE-UEG-Inhumas).

---

<sup>3</sup> O ciclo é uma forma organização da educação brasileira em ciclos é uma alternativa à organização por séries, tendo como objetivo regularizar o fluxo de alunos ao longo da escolarização, eliminar ou limitar a repetência, respeitar o ritmo e a capacidade dos alunos, organizar o tempo escolar de acordo com as fases de crescimento do ser humano.

<sup>4</sup> O ciclo II do Ensino Fundamental é o segundo ciclo da educação básica, que corresponde aos anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano. O trabalho pedagógico é desenvolvido por uma equipe de professores especialistas em diferentes disciplinas.

Toda a minha trajetória profissional sempre esteve vinculada à realidade e lutas da comunidade surda. Vivenciei por todo esse tempo, como professora e intérprete de Libras, as angústias de alunos surdos em prol de uma educação que, de fato, lhes proporcionasse um melhor desenvolvimento em sua vida escolar. Vivenciei a perseverança de muitos, mas também presenciei a desistência de alguns.

Meu intuito com esse trabalho é contribuir com toda a sociedade na desconstrução de pensamentos e atitudes de preconceito no que se refere à uma educação inclusiva; e para os surdos, a reflexão de uma educação de modalidade bilíngue. Se esta será a melhor proposta de Educação para a comunidade surda, só o tempo e pesquisas como esta é que poderão contribuir promovendo reflexão acompanhada de discussões em prol de um melhor caminho para educação.

Esta proposta de pesquisa tem como origem uma inquietação que vem me acompanhando por mais de 20 anos em minha atuação profissional como professora e intérprete em língua de sinais. Essa inquietação advém, em especial, da observação das dificuldades do aluno surdo no que se refere a construir seu conhecimento e sua identidade linguística no modelo de escolas inclusivas, no qual apenas o intérprete é o mediador.

## INTRODUÇÃO

Assim como as demais pessoas com necessidades educativas especiais, a trajetória histórica da educação dos surdos tem perpassado diferentes fases conforme apresenta Sasaki (1997) tais como: Exclusão, segregação, integração e inclusão. Também no que se refere à educação dos surdos, tem sido objeto de diferentes abordagens educacionais, como: o oralismo, a comunicação total e atualmente o bilinguismo.

Durante toda essa trajetória, os surdos no Brasil, têm enfrentado grandes desafios. Embora essa trajetória tenha sido marcada por muitas lutas, houve também grandes conquistas. Entre elas, destacam-se o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em 2002, através da Lei nº 10.436 e do decreto nº 5.626/2005 e também mais recentemente a Lei nº 14.191/2021, que tornaram o ensino bilíngue uma modalidade no Brasil (2021). Nesse sentido, a educação dos surdos em uma perspectiva bilíngue, são definidas e defendida por diversos autores por exemplo Sá defende e define o bilinguismo como uma forma de tornar acessível no contexto escolar as duas línguas: língua de Sinais e a língua portuguesa;

A abordagem educacional com o Bilinguismo para surdos é aquela que acima de tudo estabelece que o trabalho escolar deve ser feito em duas línguas, com privilégios diferentes: A Língua de Sinais como primeira língua (L1) e a língua da comunidade ouvinte local como segunda língua (L2). (Sá, 1999, p.135)

Para a autora, embora seja ofertado as duas línguas, elas devem assumir posições diferentes, tendo a língua de sinais o seu posicionamento de (L1), ou seja, a primeira língua para o surdo e a língua portuguesa (L2).

Fernandes (2003) defende o bilinguismo no ambiente escolar ao citar a importância de trazer a língua de sinais como canal de instrução do surdo.

A aprendizagem de uma segunda língua demanda operações mentais que envolvem também, relações gramaticais, nas quais a primeira língua é envolvida, mobilizando e articulando conhecimentos prévios, fazendo comparações, contrastes, associações, enfim materializando outros sentidos na nova realidade linguística que se coloca. (Fernandes, 2003, p.100).

De acordo com a autora não há efetiva aprendizagem do aluno surdo usuário da língua de sinais se a mesma não ocupar o lugar de língua de instrução.

Outra autora a defender e definir o bilinguismo é Goldfield (1997), de acordo com a autora:

“o bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país, Goldfield (1997, p. 42)

Para Quadros (199, p. 27) a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais.

Apesar de tantas defesas de muitos estudiosos em prol do bilinguismo na educação dos surdos percebemos que ainda se constitui um grande desafio para o sistema educacional brasileiro.

Partindo desse contexto, é justamente no bilinguismo, na proposta de implementação de escolas bilíngues, que focamos nossa pesquisa, tendo como intuito aprofundar o debate em torno da proposta de escola bilíngue na educação dos surdos em Goiás, instigando a seguinte questão: Quais os avanços e desafios da implementação de escola Bilíngue em Goiás? A par disso, o tema desta pesquisa é a implementação de escola bilíngue em Goiás, evidenciando os avanços e desafios. Vale ressaltar que essa é uma luta e reivindicação da comunidade surda em todo o país, tendo alguns estados evidenciado maiores avanços.

Embora a proposta de educação bilíngue para surdos já existisse em Goiás desde a década 1980, sua efetivação se deu por meio da inauguração do Centro Educacional Bilíngue se deu a partir de 26 de setembro de 2022 como a primeira escola nessa modalidade. Por isso, estabelecemos essa instituição como lócus de nossa pesquisa. Ressaltamos, ainda, que a prefeitura de Goiânia desde de 23 de outubro de 2015 já possui a aprovação da lei nº9.681/2015 que aprova a Educação Bilíngue para surdos na rede municipal de Goiânia; no entanto, foi a rede estadual de educação que implementou a primeira escola no modelo de educação bilíngue em Goiás.

A pesquisa apresenta como objetivo geral: Compreender os avanços e desafios na implementação da primeira escola de educação bilíngue para surdos em Goiás sob a perspectiva dos profissionais envolvidos. Propomos como objetivos específicos (i) Abordar a trajetória histórica da educação dos surdos; (ii) conhecer e comentar os respaldos legais e as políticas públicas conquistadas pelos movimentos surdos voltadas à discussão do tema em investigação; (iii) identificar os avanços desafios enfrentado pela primeira escola bilíngue de Goiás, bem como se o processo de ensino advindo de professores bilíngues possibilita uma melhor

compreensão dos conteúdos pelos alunos surdos do Centro Educacional Bilíngue de Surdos em Goiás

Para alcançarmos os objetivos gerais e específicos partimos de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória, conforme as sugestões metodológicas apresentadas por Gil (2002). Segundo este autor, “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições. Seu planejamento é portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (Gil, 2002, p. 41).

Dentro da proposta metodológica, o estudo aproxima-se da concepção de pesquisa fenomenológica ao tratar seus processos e abordagens. É necessário pontuarmos que investigar fenomenologicamente consiste em: Conforme (Merleau Ponty, 1994, p.1-2) “uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer.’

Para alcançarmos tais objetivos, utilizamos os seguintes instrumentos de investigação: observação, entrevistas semiestruturada, análise documental de leis e políticas públicas que respaldam a proposta de educação bilíngue para surdos e consultas bibliográficas.

O referencial teórico proposto inicialmente para esta investigação está sendo construído por autores que discutem a perspectiva da educação de surdos, a linguagem e a cultura surda - Skliar (1997, 1998, 2001, 2013); Aquisição da linguagem e o bilinguismo - Quadros (1997, 2000, 2004); Cultura surda - Sá (1999); proposta bilíngue - Fernandes (1990); dentre outros, que, no decorrer da história, têm oportunizado debates e o fortalecimento da luta da comunidade surda no Brasil, em prol de uma educação bilíngue.

Para realizar esta pesquisa contamos com 8 (oito) participantes que atuam na modalidade bilíngue no Centro Educacional Bilíngue para surdo de Goiânia, sendo duas pessoas do grupo gestor (direção e coordenação do turno matutino); três pessoas no grupo docente, sendo um professor regente ouvinte, um professor surdo, um professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Também consideramos importante a participação de um intérprete de Libras e o surdo que trouxe Libras para o estado de Goiás e fundador da associação dos surdos de Goiânia, com o intuito de desvelar os desafios e os avanços enfrentados por diferentes profissionais na atuação dentro de uma modalidade bilíngue e um aluno surdo.

Para iniciarmos o capítulo sobre a trajetória histórica visando alcançar o nosso primeiro objetivo, faz-se necessário conceituarmos o bilinguismo no âmbito da surdez para a

compreensão do diálogo proposto entre os teóricos. O bilinguismo é conceituado por Quadros (1997, p. 67) que considera em “uma proposta bilíngue a Libras deve ser a L1 (primeira língua) da criança surda brasileira e a língua portuguesa deve ser a L2 (segunda língua)”. Conforme a autora, dentro da proposta do bilinguismo há uma contemplação e o reconhecimento das duas línguas envolvidas no cotidiano dos surdos.

É necessário também conceituamos a noção de escolas bilíngues. Embora o paradigma de uma educação bilíngue a ser ofertado em escolas bilíngues não seja algo novo, ainda não se tem um modelo definido, sendo, portanto, algo em construção. A Lei 14.191 de 03 de agosto de 2021 aponta algumas características de um modelo de escolas bilíngues.

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas./ optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (Brasil,2021 Art.60-A)

No processo de aprendizagem de alunos surdos, tanto Quadros (1997) como Sá (1999) defendem a importância da língua de sinais como L1, ou seja, primeira língua, e a língua portuguesa em sua modalidade escrita como L2, segunda língua, a ser utilizada no processo de aprendizagem do sujeito surdo tanto em ambientes formais como informais.

Na maioria dos casos, a especificidade do aluno surdo encontra-se na utilização de uma língua que não é compartilhada por todos no contexto escolar. Isso, portanto, se configura como uma barreira linguística, considerada como uma das maiores dificuldades encontradas pelo aluno surdo no modelo de escolas inclusivas.

Para Quadros (2005), a especificidade linguística do aluno surdo requer mudanças na escola. “A questão da língua implica mudanças na arquitetura, nas formas de interação, na formação dos professores da escola, de professores bilíngues, de professores surdos e de intérpretes de língua de sinais” (Quadros, 2005, p.31).

E para rompimento de barreiras linguísticas conforme apresenta a lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000 requer o rompimento de qualquer “entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa;” (Brasil, 2008)

Diante das dificuldades encontradas pelos surdos em um modelo de educação inclusiva proposto atualmente em nosso país e também dos desafios enfrentados por este modelo de educação para atender às especificidades do aluno surdo, a comunidade surda, há muito tempo,

tem intensificado a sua luta em prol de uma de uma educação bilíngue em escolas bilíngues, buscando respaldos legais e políticas públicas que viabilizem essa proposta. Grande exemplo de luta dessa comunidade em prol de uma educação de modalidade bilíngue encontra-se no envio de uma carta aberta feito por um grupo de ativistas surdo doutores enviou ao então ministro da educação, Prof. Aloizio Mercadante em 2012. “CARTA ABERTA AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO:

Exmo. Sr. Ministro da Educação, Prof. Aloizio Mercadante:

Nós, surdos, militantes das causas dos nossos compatriotas surdos, apelamos a Vossa Excelência pelo nosso direito de escolha da educação que melhor atende aos surdos brasileiros que têm a Libras como primeira língua. Concordamos que “O Brasil tem que ter 100% das crianças e jovens com deficiência na escola”, sim, mas não concordamos que a escola regular inclusiva seja o único e nem o melhor espaço onde todas essas crianças e jovens conseguem aprender com qualidade. Assim, além de considerar a importância do suporte de autores conceituados, buscamos também conhecer os respaldos legais as políticas públicas e a realidade dessa proposta em Goiás voltadas à discussão do tema em investigação’ (1º trecho da carta aberta ao Ministro da Educação, 2012).

Tendo a comunidade surda no Brasil evidenciado o desejo de uma educação de modalidade bilíngue que valorize as suas especificidades enquanto surdos.

Assim, além de considerar a importância do suporte de autores conceituados, buscamos também conhecer os respaldos legais as políticas públicas e a realidade dessa proposta em Goiás voltadas à discussão do tema em investigação

Apresentamos como primeiro capítulo desta pesquisa o percurso metodológico realizado. Dessa forma, destacamos como desenvolvemos as pesquisas nas diferentes plataformas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). sob os seguintes descritores: Escolas bilíngues para surdos”, “Implementação de escolas bilíngues para surdos”

Na sequência, pontuamos como se deu a aprovação do Comitê de Ética como requisito importante para iniciarmos o processo de pesquisa, a abordagem escolhida, os instrumentos utilizados, as perspectivas abordadas, bem como se deu a coleta e interpretação dos dados com embasamento em análise de conteúdo de Bardin (2016). Além disso, situamos o contexto que a pesquisa foi realizada, os participantes envolvidos e o educando surdo.

No segundo capítulo discorreremos sobre a trajetória histórica da educação dos surdos, bem como as abordagens educacionais utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos surdos.

O terceiro capítulo abordamos o tema: A Escola que temos não é a Escola que queremos. Ainda nesta parte da pesquisa, apresentamos os movimentos realizados em caráter mundial, nacional e regional pela comunidade surda, suas reivindicações e conquistas em prol de seus direitos a uma educação de modalidade bilíngue, as leis e políticas públicas conquistados.

No quarto capítulo retomamos os elementos coletados e assim apresentamos nossas interpretações a partir de relações pertinentes às categorias levantadas. Neste capítulo, para que fosse possível desvelar os dados levantados, apresentamos as entrevistas e a observação obtidas por meio do contexto escolar. Trata-se, pois, da apresentação e análise dos dados coletados durante a pesquisa, em que admitimos como as falas, interações, ações e implicações ocorridas são cheias de significados e interpretações que precisavam estar presentes nesse trabalho.

Para finalizar, apresentamos as Considerações Finais, com algumas reflexões referentes ao tema abordado, o percurso metodológico adotado. Os resultados obtidos a partir das análises da coleta de dados, e finalmente destacamos as contribuições que a pesquisa proporciona a comunidade surda, ao mundo acadêmico e a sociedade como um todo.

## **1.0 PERCURSO TRILHADO PARA A PESQUISA**

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher (Cora, 1997)*

A epígrafe que escolhemos para abrir este capítulo diz muito sobre o que apresentamos ao longo deste estudo que construímos a partir da ideia de que a pesquisa é uma caminhada na qual semeamos, compartilhamos experiências e colhemos o conhecimento construído ao longo do percurso percorrido. Assim, destacamos neste texto que, ao perpassar cada etapa, fomos nos apropriando dos conceitos e posteriormente a escrita detalhada dos pontos a seguir.

Dessa forma, apresentamos o início do percurso que se deu por meio do levantamento de produções científicas, aliás me atrevo a dizer que o percurso teve início a partir do meu primeiro contato com a comunidade surda, há mais de 30 anos, quando meu olhar se atentou para a beleza dos movimentos das mãos de um grupo de surdos que, a princípio, para mim só tinha beleza e movimentos, mas que com o passar do tempo passou a ter significados.

No entanto, nos concentramos em nossa descrição do percurso dessa pesquisa a partir do levantamento de produções científicas que apresentam interesses em comum com o nosso trabalho, buscando no campo da pesquisa as contribuições acadêmicas disponíveis, levando em consideração a relevância do estudo.

Em seguida, descrevemos o percurso metodológico que utilizamos para a construção do trabalho, destacando aspectos como os métodos e os instrumentos para coleta e interpretação de dados. Posteriormente, destacamos o contexto de realização da pesquisa, partindo do ambiente macro (Estado), para o micro (a instituição de ensino na qual realizamos a pesquisa). Diante desse cenário, pontuamos como se deu a escolha dos participantes, sua formação acadêmica, os anos de atuação junto à comunidade surda, bem como o percurso realizado para que ocorressem as entrevistas.

### **1.1 O levantamento bibliográfico.**

Realizamos o levantamento acerca da produção científica dentro da temática no período entre 15 de setembro de 2023 a 15 de dezembro 2023. Para isso, fizemos uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio da qual catalogamos trabalhos de dissertações de mestrado e teses de doutorado que foram registradas entre os anos de 2010 e 2023.

Optamos por esse recorte temporal que abrange os últimos 13 (treze) anos com intuito de identificar o maior número de produções sobre os temas foco de nossa pesquisa, pois são poucos os trabalhos encontrados com a temática proposta.

Investigamos em conjunto e separadamente, os descritores: “Escolas bilíngues para surdos”, “Implementação de escolas bilíngues para surdos”. E durante esse percurso de levantamento, percebemos alguns aspectos que precisam ser ressaltados, sendo eles: ao realizar a busca com os descritores “Escolas bilíngues para surdos” encontramos 441 (quatrocentos e quarenta e um) trabalhos, dentre eles 332 (trezentos e trinta e duas) são dissertações e 109 (cento e nove) são teses.

Dentro das 109 teses encontradas, e após a leitura do resumo tendo como referência o objetivo desta pesquisa considerou 5 trabalhos apenas 5 (cinco) abordam a proposta de escola bilíngue para surdos e apenas uma intitulada - Estratégias Pedagógicas Desenvolvimento humano: Um estudo sobre uma Escola Bilíngue Para surdos do Centro Oeste - de Carine Mendes da Silva, da universidade de Brasília (UNB,2020) contempla os desafios da escola; no entanto, não sobre a ótica da implementação, mas sim nos desafios do ensino do aluno surdo.

Para compreender melhor cada trabalho, realizamos uma leitura do tema das 332 dissertações e verificamos que 68 (sessenta e oito) delas citam a educação bilíngue para surdos sem propor a escola bilíngue, em seus títulos, 15 (quinze) mencionam a escola bilíngue, porém, dentro do foco do ensino bilíngue e não a implementação. Os outros trabalhos estavam voltados

para a educação, sendo que apenas 2 (dois) fala da proposta em Goiás, mas não com o foco de escolas bilíngues.

Para a busca de mais opções, empregamos o descritor “Implementação de escolas bilíngues para surdos” em que encontramos 25 (vinte e cinco) trabalhos, sendo 23 (vinte e três) dissertações e 2 (duas) teses de doutorado. Por curiosidade lancei o descritor “Implementação de escola bilíngue em Goiás” e, como já esperado, não houve nenhum resultado.

Após realizarmos uma leitura aprofundada do resumo, da introdução e das considerações finais dos 15 (quinze) trabalhos que menciona as escolas bilíngues, selecionamos 01 (um) que mais se aproximou da abordagem tratada nesse estudo, sendo do autor: Nelson Pereira de Sá (2011) com o título - Escola de surdos: Avanços, retrocessos e realidades. No entanto, percebemos que o foco da temática se pautava no processo de implementação e no movimento das pessoas envolvidas, não citando os desafios e nem os avanços ocorridos nesse processo de implementação.

Não optamos por fazer a procura em outras plataformas por entender e considerando o ineditismo desta pesquisa que a temática se encontra incipiente nos trabalhos acadêmicos, por se tratar de um objeto de pesquisa local e recente. Contudo, dentro dos trabalhos encontrados, destacamos alguns deles, que compõem o quadro 1 a seguir. Portanto, após a leitura e interpretação dos trabalhos encontrados na das plataformas BDTD identificamos e selecionamos os que mais se aproximaram da temática proposta nesse trabalho conforme a descrição no quadro abaixo.

**Quadro 2** - Pesquisas a partir do levantamento de produções com proximidade com os temas: Escolas Bilíngue para surdos - BDTD

Título do trabalho	Autor (a)	Tipo de pesquisa/ Ano de defesa		Universidade	Programa
Educação bilíngue para surdos: um estudo comparativo da escola bilíngue e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola inclusiva	JESUS, Jefferson Diego de	Dissertação	2016	Universidade Federal do Paraná	Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFPR
Políticas públicas de inclusão: o surdo no sistema de educação básica regular do Estado de São Paulo	LOURENÇO, Katia Regina Conrad	Dissertação	2013	PUCSP	Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-PUCSP
O desafio do bilinguismo para alunos surdos no contexto da inclusão: o caso de uma escola municipal do Rio de Janeiro	SILVA, Adriana Ramos	Dissertação	2015	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFRJ

A educação escolar de surdos na perspectiva bilíngue de uma escola especial	SILVA, Georgia Clarice da	Dissertação	2015	Universidade Estadual de Goiás Campus de Ciências sócio Econômica e Tecnologia	Mestrado Interdisciplinar em Educação e Tecnologia. - PPG-IELT-UFG
Análise do impacto da pandemia do coronavírus (Covid-19) na educação de estudantes surdos em uma escola bilíngue	KASTER, Aline Castro de	Dissertação	2022	Universidade Federal de Pelotas	Programa de Pós-graduação em LETRAS-PPGE-UFPEL
Escola de surdos: Avanços, retrocessos e realidades.	SÁ, Nelson Pereira de	Dissertação	2011	Universidade Federal do Amazonas	Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFAM
Estratégias Pedagógicas Desenvolvimento humano: Um estudo sobre uma Escola Bilíngue Para surdos do Centro Oeste	SILVA, Carine Mendes da	Tese	2020	Universidade de Brasília (UNB)	Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde-PGPDE-UNB
Sou Surdo e não sabia? Situação linguístico, cultural, educacional em Sumé/PB e o processo de implantação da Escola Bilíngue no Município.	PORTO, Shirley Barbosa das Neves	Tese/2014	2014	Universidade Federal da PB.	Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFPB

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da BDTD

Conforme os resultados evidenciados por meio dessa pesquisa na plataforma, pontuamos algumas especificidades de 2 (dois) trabalhos que mais se aproximam da temática aqui discutida, com isso, destacamos em que aspectos essa aproximação ocorre. Iniciamos destacando os trabalhos de Sá (2011) e Porto (2014) – ambos trouxeram atenção à luta dos movimentos da comunidade surda em prol de uma educação bilíngue; no entanto, se diferem na forma de fazê-lo. O trabalho de Sá (2011) apresenta os avanços e retrocessos na perspectiva das políticas voltadas a educação especial; e, Porto (2014), apesar de falar sobre a implantação de escola bilíngue em Sumé –PB destacando as conquistas legais resultado dos movimentos surdos, aborda a implantação na ótica do processo e não nos avanços e desafios.

Embora esses dois trabalhos abordem o tema de escola bilíngues sob uma ótica diferente da que propomos em nossa pesquisa, eles são pertinentes por se aproximarem de pontos em comum ao comungarmos sobre o desejo da maioria dos surdos de conquistar uma educação de modalidade bilíngue. Dessa forma, acreditamos que os dois trabalhos apresentam uma certa

aproximação aos aspectos escolhidos para este trabalho, proporcionando grandes contribuições sobre o tema proposto.

É importante salientarmos que os demais trabalhos selecionados trazem contribuições para a área da Educação de Surdos; entretanto, notamos que o foco principal das discussões proposta está voltado para a proposta do bilinguismo como estratégia de ensino e formação de professores bilíngues dentro de escolas de modelo inclusivos, e não na proposta de implementação de escolas bilíngues. Esse entendimento demonstra a relevância da temática proposta em nosso trabalho, tendo em vista que evidenciamos a importância de se discutir a implementação de escolas bilíngues para surdo. Destacamos esse assunto como uma necessidade urgente ao mundo acadêmico, a fim de fazer valer as conquistas legais da comunidade surda no Brasil.

Ainda situando no percurso metodológico, é importante ressaltar a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa- CEP que recebeu a aprovação no dia 05 de março de 2023. A partir dessa data iniciamos a organização das etapas necessárias à realização dessa pesquisa.

Após a aprovação da pesquisa pelo CEP, fomos em busca de uma autorização junto à Secretaria Estadual de Educação de Goiás – (Seduc/Goiás), para realizar a pesquisa de campo. De posse desse documento de autorização, entramos em contato com a Gestão do Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia<sup>5</sup>, no qual agendamos um horário para a explanação da proposta da pesquisa.

Após essa etapa passamos as tentativas de agendamento para a entrevista semiestruturada com os participantes que, com os participantes que, confesso, foi desafiador devido ao fato de a jornada de trabalho dos professores é, na maioria das vezes, dupla ou até mesmo tripla e os intervalos de uma aula para outra são curtos e atarefados, mas enfim buscamos nos adaptarmos as circunstâncias de cada participante.

## **1.2 A metodologia escolhida para esse trabalho**

Para desenvolver esta pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa exploratória e, para perscrutar nosso percurso, adotamos as sugestões metodológicas apresentadas por Gil

---

<sup>5</sup> O Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia é a primeira escola de Goiás a trabalhar com a educação de modalidade bilíngue em conformidade com a lei 14.191 de 03 de agosto de 2021, sendo inaugurada em 26 de setembro de 2022.

(2002). Segundo este autor, “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (Gil, 2002, p. 41).

A escolha se deu pelo fato de reconhecermos a pesquisa de caráter qualitativo não se ocupa da representação numérica, mas sim na busca da compreensão sobre o tema, ou seja, preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificadas. Portanto, fundamentamos na abordagem qualitativa porque se aproxima do método da pesquisa fenomenológica, uma vez que relatamos e interpretamos os fenômenos que são perceptíveis.

Essa abordagem parte do conhecimento dos homens como “sujeitos históricos, datados, concretos, delineados por uma cultura, na qual criam e recriam, produzem e reproduzem a realidade social, sendo constituintes e constituídos dessa realidade” (Trivinos, 1987, p. 57).

Nesse sentido, o percurso metodológico nessa perspectiva se desdobra diante de uma lógica de etapas que se fundamenta na coleta de dados, na organização e, posteriormente, na interpretação da informação adquirida.

Após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa - CEP e autorização da Secretaria de Estado e Educação e Cultura de Goiás - SEDUC-GO realizamos a primeira visita em maio 2024 na escola a fim de conhecermos a estrutura. Isto porque, de acordo com Demo (2012, p. 33), “[...] o analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito [...]”; e, nessa perspectiva de busca do não dito de observação iniciamos a nossa coleta de dados mediante o conhecimento da estrutura física da escola.

Fui recebida calorosamente pela coordenação que nos apresentou toda a estrutura oferecida aos alunos. Já na entrada constatamos que se trata de um ambiente de muita exploração visual, estando em consonância com as especificidades do aluno surdo conforme salienta Strobel (2008, p. 39), “o sujeito surdo percebe o mundo através de seus olhos”. E, observamos esta exploração visual em todo ambiente escolar. Mais à frente descrevemos a estrutura arquitetônica, bem como a equipe atuante.

Esse estudo se materializa a partir das falas do grupo gestor, professores surdos e ouvintes, intérpretes e alunos que vivenciam o dia a dia do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia que estiveram à frente de todo esse processo de implementação de uma escola de modalidade bilíngue.

O ouvir os que vivenciam o dia a dia do ambiente escolar é fundamental para construir esse conhecimento conforme salientado por Yin (2005, p. 122) “muito interessante é a

capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro”. Para esse ouvir propomos um distanciamento<sup>6</sup> do objeto a ser pesquisado com o intuito de desvelar e dissociar o conhecido do desconhecido e com o desafio de se colocar desprendidos dos conceitos e opiniões pessoais, bem como pela paixão do pesquisador pela proposta do bilinguismo. Conforme Bueno (2001):

[...] suspensão provisória dos juízos para apreender o real em sua totalidade. O rigor nos permite apreender a realidade de forma crítica (ato de revisar e avaliar os valores, os pressupostos e fundamentos da realidade social), ir às suas raízes, superar as aparências, os preconceitos (Bueno, 2001, p. 72)

Esse distanciamento não significa uma negação, mas, apenas colocá-lo entre parêntese temporariamente para que a investigação ocorra livre de preconceitos, a priori, adquirido durante a minha trajetória junto à comunidade surda por mais de 30 anos. Esse distanciamento nos permite ir em suas raízes. Mediante essa postura iniciamos a escuta das falas dos participantes.

A fim de que o diálogo se tornasse mais natural e dinâmico optamos como instrumentos na coleta de dados a entrevista semiestruturada. Elaboramos as perguntas de forma simples e direta possibilitando aos participantes plena compreensão. Procuramos durante todo o processo uma relação amistosa e descontraída junto aos participantes, não deixando de manter durante as entrevistas a devida atenção para que fosse alcançado o objetivo.

De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p.198) a entrevista “oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.[...]”. As entrevistas e um olhar e escuta atenciosa possibilitou obter dados que não se encontram em fontes documentais, mas que são relevantes e significativos.

### **1.3 Dos Participantes**

Como já mencionamos, fizeram parte da pesquisa 8 componentes: 1 (um) surdo que trouxe libras para Goiás; 1 (uma) professora ouvinte; 1 (uma) surda; 1 (um) Intérprete; 1 (uma) coordenadora do matutino; 1 (uma) professora do AEE; 1 (um) aluno surdo. Todos esses participantes atuam no Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia. Buscamos também a experiência do ilustre professor Edson Gomes Franco fundador da Associação de Surdos de

---

<sup>6</sup> O distanciamento aqui proposto encontra-se no dentro do conceito do termo de *epoché* ou *skēpsē*, que significam suspensão, retenção momentânea, metodológica e estratégica, conduzida pela consciência (Petrelli, 2001, p. 19).

Goiânia e quem trouxe libras par Goiás. Realizamos as entrevistas de forma presencial; organizamos os horários de acordo com a rotina de cada participante. Em alguns casos foi necessário o reagendamento devido à indisponibilidade do participante.

Para cada entrevista, apresentamos um breve resumo da proposta da pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que cada participante estivesse ciente, e que fosse assinado e informado que as declarações prestadas seriam utilizadas para fundamentar esta pesquisa, bem como o sigilo a ser adotado no que se refere a identidade do participante.

**Quadro 3** - Participantes da pesquisa, função, formação, tempo junto à comunidade surda e cargo

Pseudônimo	Função	Formação inicial	Tempo junto à comunidade Surda	Cargo
P1	Gestão/ ouvinte	Ed. Física	15 anos	Efetivo
P2	Intérprete	Pedagogia	Filho de surdo/ 9 anos de atuação	Contrato
P3	Coordenação	Pedagogia	8 anos	Contrato
P3	Professora/ Ouvinte	Pedagogia	17 anos	Efetivo
P4	Professora/ Surda	Letras/Libras	Desde que nasceu	Contrato
P5	Professora AEE/Ouvinte	Letras/ Português	17 anos	Efetivo

Fonte: Elaboração própria (2024).

Para a coleta do material empírico, com a permissão prévia dos participantes, utilizamos a gravação em áudio para os ouvintes e vídeos para surdos e o Whatsapp. Utilizamos, ainda, um diário de campo para as anotações consideradas pertinentes a pesquisa.

#### 1.4 O espaço de investigação.

A escolha do Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia se deu pelo fato de ser a primeira escola bilíngue a ser implementada no Estado de Goiás. Essa instituição encontra-se na sede da Associação dos Surdos de Goiânia, no seguinte endereço: Rua 801, Chácara VI - Vila Osvaldo Rosa - Goiânia/GO - CEP: 74.633-200.

O Centro Educacional é mantido pela Associação dos Surdos de Goiânia, em convênio com a Secretaria Estadual de Educação, embora tenha sido inaugurado em 26 de setembro de 2022 como Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia. A escola já existia desde 1991 como Centro Educacional Elycio Campos com o foco no atendimento de alunos surdos. No entanto, as discussões para regulamentá-la em uma proposta de escola bilíngue já acontecem há mais de 10 anos. A ideia de transformar o centro educacional em escola bilíngue foi

fortalecida a partir da lei 14.191 de 3 de agosto de 2021 que possibilitou pensar na educação bilíngue dos surdos mediante a implementação de escola bilíngue, na qual se ancorou nesse amparo legal o Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia.

Os funcionários da instituição são contratados pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás - Seduc-GO com Parecer da Superintendência de Ensino Especial. É importante ressaltar que todas as pessoas que são contratadas para atuarem nesta escola fazem cursos de atualização, aprimoramento, etc, oferecidos pela Secretaria de Educação do Estado e Associação de Surdos de Goiânia.

A instituição segue o currículo comum com as adequações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Atualmente, a escola atende cerca de 51 alunos no matutino (apenas um ouvinte, que é irmão de surdo) e 60 (sessenta) alunos no vespertino que são atendidos no AEE. A escola também oferece projetos de iniciação artísticas e esportiva, são oferecidos acompanhamentos a pessoas de ambos os sexos e faixa etária a partir dos 7 anos de idade. Para tanto, possui uma equipe técnica composta por: assistente social, psicólogo, médico otorrinolaringologista, fonoaudiólogos e intérpretes da língua de sinais.

Quanto à estrutura arquitetônica, no momento da visita, a escola encontrava-se em reforma e possui 9 (nove) salas de aula, 2 (duas) multifuncional temática, 1 (uma) de produção de materiais, 1 (uma) biblioteca. E uma quadra de esporte bem equipada, pois ocorre ali campeonatos de futebol, 3 (três) banheiros, depósitos, diretoria, oficinas de serigrafia, costura, cozinha, quadra de esportes com cobertura e arquibancada e mais algumas dependências que fazem parte da Associação dos Surdos de Goiânia (ASG), pois ambas funcionam juntas.

No que se refere à estrutura humana, o Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia conta com 20 (vinte) professores, sendo 11 (surdos), 4 (intérpretes).

### **1.5 Sobre a interpretação de dados.**

Para coletar os dados utilizamos a entrevista semiestruturada, realizada com 8 (oito) participantes do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia e 1 (um) participante da comunidade surda, sendo ele o fundador da associação dos surdos de Goiânia. Após a coleta do material que ocorreu por meio de gravações de audios, vídeos e anotações no diário de campo iniciamos a interpretação dos dados coletados. Confesso que para essa etapa fez-se necessário uma pausa a fim de buscarmos nos referenciais teóricos a suas experiências e teorias.

Encontramos nos fundamentamos na hermenêutica-dialética sob a perspectiva de Minayo (2008).

A hermenêutica dialética é uma metodologia utilizada para interpretar a prática social, considerando as contradições e os conflitos presentes na realidade social. Segundo Minayo (2008, p. 101), a hermenêutica dialética busca “compreender a prática do indivíduo em sociedade em seu movimento contraditório”. Essa abordagem parte do pressuposto de que as ações humanas e as práticas sociais não são estáticas, mas são dinâmicas e repletas de contradições. A hermenêutica dialética, portanto, procura interpretar essas práticas considerando os contextos históricos, sociais e culturais em que elas ocorrem.

Dentro dessa perspectiva de que as práticas dos indivíduos na sociedade revelam tensões e conflitos a hermenêutica dialética mostra-se como uma poderosa ferramenta para revelar essas tensões e contradições, possibilitando uma compreensão mais profunda e crítica da realidade social. Desse modo, buscamos nas sugestões para a Análise de Conteúdo de categorização, segundo Bardin (2016), é composta por três fases: a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

Primeiro momento: Pré-análise, Ordenamentos dos dados, com base nas gravações e anotações no diário de campo, realizamos uma cuidadosa transcrição das entrevistas realizadas por meio da digitação. Nesta etapa, organizamos todos os dados provenientes da fala dos participantes e observações do pesquisador.

No segundo momento: Fizemos a classificação utilizando a codificação e categorização dos dados. Para isso, realizamos uma leitura exaustiva, levantamos os nossos questionamentos lendo e relendo todo o material transcrito tendo o cuidado de ficarmos atentos a cada detalhe descrito a fim de buscarmos o os mais recorrentes dentro dos objetivos proposto nessa pesquisa.

Terceiro momento: interpretação final dos dados; nesse momento nos ancoramos, na articulação entre os dados e os referenciais a fim de estabelecermos a relação entre os dados coletados e os objetivos suscitados na pesquisa, relacionando assim o concreto com o abstrato.

Como etapa final estabelecemos as possíveis articulações entre os dados coletados e o referencial teórico que sustenta nossa pesquisa, procurando a materialização do estudo. Para isso, levamos em consideração que esta fase é de compreensão e interpretação é de suma importância para alcançar a concretização da pesquisa. No que se refere aos resultados finais dessa pesquisa serão tratados no capítulo final deste trabalho que ainda está em construção.

Para entendermos a relevância dos dados coletados faz-se necessário familiarizarmos com todo o contexto histórico da educação dos surdos e entendermos as diferentes abordagens educacionais por eles vividas, o que propomos no capítulo a seguir.

## **2.0 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS E DIFERENTES ABORDAGENS EDUCACIONAIS**

*A história comum dos surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer grandes adversidades (Sá, 2002, p. 41)*

A trajetória histórica da pessoa surda é marcada por muitos desafios e conquistas ao longo da história. Além disso, foram estabelecidas diferentes propostas na educação dos surdos conforme anuncia a epígrafe escolhida para a abertura desse capítulo.

Antes de adentrarmos ao capítulo, ressaltamos a importância de compreender o conceito de surdez, seus diferentes tipos e graus, bem como a surdez sob a perspectiva clínica e na visão socioantropológica para que o leitor entenda o objeto de nossa pesquisa.

De acordo com o dicionário *online* Ferreira (2009, p.) a surdez é definida como “qualidade ou condição da pessoa surda; estado de quem é incapaz de ouvir ou perdeu essa capacidade. Redução, falta ou perda do sentido da audição, da capacidade de escutar”. De acordo com Gesser (2009, p.72) os tipos de surdez são “condutivas, neurosensorial ou mista (...) e os graus podem variar de leve a profunda”. A par disso, é importante entendermos as duas concepções em que são concebidas a surdez: a concepção patológica e a concepção socioantropológica.

### **Concepção Patológica (Clínica)**

Na concepção patológica o surdo é considerado um indivíduo doente e a surdez uma patologia que requer tratamento. Esse discurso médico exerceu fortes influências nos trabalhos com os surdos do século XVI ao século XX. Segundo Sacks (1998, p. 76) sob a concepção médica, os “surdos são encarados meramente como ouvidos doentes e não como um povo adaptado a outro modo sensorial”. Essa concepção traz a ideia de que, os surdos só poderão se igualar aos ouvintes mediante o processo de cura desse ouvido doente.

Denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja a audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (Brasil, 1997, p.12).

Segundo Gesser (2009, p. 67) “a surdez é vista negativamente na sociedade pela forte influência do discurso médico”. E, o discurso médico tinha mais força do que o discurso da diversidade. Em função desse entendimento, ao longo dos anos, os surdos foram submetidos a experiências que pudessem possibilitar a cura desta patologia; ou seja, uma perspectiva para enquadrá-los aos padrões de normalidade socialmente aceitáveis.

### **Concepção socioantropológicas (Cultural)**

Por muitas décadas é possível verificar diversos movimentos de surdos que lutaram pelo reconhecimento de sua plena capacidade, enfraquecendo cada vez mais a concepção clínica da surdez. A partir dessas lutas, aos poucos, a surdez foi reconhecida não somente pela comunidade surda, mas por uma significativa parcela da sociedade ouvinte apenas como uma diferença não incapacitante.

No decorrer da história, as lutas pelo reconhecimento do sujeito como um ser capaz de estabelecer relações e conflitos criou-se o que se denomina de ‘Subjetividade social’ configurada nas “representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva” (González rey, 2005a, p. 24).

Os Estudos Culturais permitem estabelecer novos discursos na educação e conseqüentemente, novas ferramentas pedagógicas. Conforme aponta Strobel, 2009:

Os Estudos Culturais trazem presentes em educação as descobertas, os valores e os mitos culturais surdos. Eles narram e celebram as criações e produções na forma do agir cultural. Assim se permite descrever de outro jeito as nossas posições, nossos procedimentos, nossos empenhos culturais como surdos. (Perlin; Strobel, 2009, p. 28).

A visão de surdo e surdez na concepção socioantropológicas reconhece o sujeito surdo em suas especificidades como um cidadão de deveres e direitos, protagonista de sua própria história, capaz, completo, sujeito possível de ser atuante na sociedade, sem a necessidade de se igualar aos ouvintes. Nesta concepção, a surdez não é vista como uma deficiência, mas sim como uma diferença; e, é nas diferenças que nos tornamos iguais. Aliás, o que realmente nos torna semelhantes enquanto seres humanos, é justamente o fato de sermos diferentes.

De acordo com Gesser (2009, p. 67) “infelizmente, em nossa sociedade, o aspecto cultural da surdez é ainda mais difícil de ser aceita quando os discursos recaem e se fixam exclusivamente no fenômeno físico”

Conforme o argumento da autora há uma grande dificuldade da sociedade em aceitar a surdez do ponto de vista da comunidade surda, isto é, sob a perspectiva cultural. Essa dificuldade está ancorada no legado histórico conforme evidenciamos a seguir.

### **O Legado histórico sobre a surdez.**

No passado, existia a crença de que a deficiência auditiva ou a surdez era acompanhada sempre de algum déficit intelectual. Por isso, na antiguidade, as pessoas com surdez eram vistas como anormais, ou as vezes como deficientes mentais, por acreditarem que seriam incapazes de pensar.

Na Idade antiga, a visão de ‘normalidade’ estava pautada no encaixe dos padrões socialmente do momento e o aceitável era ouvir e falar. Conforme Honora e Frizanco (2009, p. 19), “o falar era um resultado do pensar e quem não pensava não poderia ser considerado humano”, pessoas normais tinham que falar e escutar perfeitamente. Por isso, em povos que seguiam essa ideologia, por exemplo os gregos e os romanos, os indivíduos surdos eram excluídos da vida social e educacional; e nesse sentido, eram privados de casar, ir à igreja, frequentar os mesmos lugares dos ouvintes.

As autoras ainda citam Aristóteles filósofo Grego do séc. IV a.c. (Antes de Cristo), um grande influenciador do pensamento na época, o qual considerava o ouvido como principal órgão para a aprendizagem do ser humano. Esse entendimento contribuiu para que as pessoas surdas fossem discriminadas e consideradas incapazes de receber qualquer instrução. Não havia escolas para pessoas em condição de deficiência e nem leis que acreditavam em sua capacidade, a fim de permiti-los frequentar escolas.

[...] ao final da data antiga, falávamos em textos jurídicos de opinião sigilosa, também equiparando entre surdos e dementes, nada disso nos devia nos assombrar, por isso muitas legislações que não estavam em vigência, apresentavam os mesmos erros conceituais (Quirós; Gueler, 1966, p.154).

Conforme salientado por Quirós e Gueler (1966), não havia respaldos legais que dessem aos surdos dignidade humana. Na Roma antiga os recém-nascidos que apresentassem

imperfeições físicas e que pudessem causar futuro incômodo para sociedade eram sacrificados, exterminados.

Quando a deficiência auditiva não era percebida na tenra infância, as pessoas surdas eram afastadas do convívio social; sendo confinadas em casas, hospitais e asilos ou mantidas em trabalhos escravos para nobreza. Assim, a população romana procurava se desfazer do que considerava indesejável à comunidade.

No que se refere aos primeiros trabalhos voltados para a educação dos surdos, Honora e Frizanco (2009) esclarecem que:

Somente a partir da Idade Média que os dados com relação à educação e a vida do surdo tornaram-se disponíveis. É exatamente nesta época que começaram a surgir os primeiros trabalhos no sentido de educar crianças surdas e de integrá-las (ainda não é inclusão) na sociedade (Honora; Frizanco, 2009, p. 20)

Apesar do surgimento dos primeiros trabalhos no intuito de educar a criança surda na Idade Média, a influência da Igreja católica contribuía para a visão discriminatória do momento. Na concepção da igreja o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, sendo assim, se tivessem qualquer anomalia não poderiam ser considerados criaturas divinas por não se encaixarem nos padrões de criaturas perfeitas. Por isso, pessoas com qualquer deficiência eram colocadas à margem da sociedade. Por quase toda a idade Média, os surdos não foram considerados seres educáveis.

Até o século XV os surdos não tinham nenhuma perspectiva de educação; e, desse modo, tornaram-se alvos dos interesses da medicina e da Igreja católica. Na medicina eram objetos de pesquisas em torno da causa e a cura da surdez; para a Igreja católica, que entendia as doenças como um reflexo da punição divina, os surdos eram vistos como possibilidades para desenvolver o espírito da caridade. Somente no fim da Idade Média é que começaram a surgir os primeiros dados em relação à educação de pessoas com surdez, porém, não tinha um caráter de inclusão.

No século XVI, houve uma grande revolução na história do sujeito surdo, devido à compreensão de que o pensamento não dependia somente da audição ou da oralidade. Em meados deste século, houve uma mudança na trajetória educacional dos surdos quando se percebeu que a comunicação da pessoa surda era possível, não apenas pela língua falada, mas também de sinais.

Ainda neste século, por volta do ano de 1570, iniciou-se na Espanha a educação dos surdos com ênfase na linguagem sinalizada por meio do trabalho desenvolvido por um monge espanhol chamado Pedro Ponce de Leon (1510-1584). Segundo Honora e Frizanco (2009):

Há registro que uma família espanhola teve muitos descendentes surdos, por terem o costume, já mencionado anteriormente, de se casarem entre si para não dividirem os bens com estranhos. Dois membros dessa família foram para o mosteiro de Ponce de Leon, e lá, junto dele deram origem à língua de sinais (Honora; Frizanco, 2009, p. 20).

A partir dessa necessidade de famílias nobres, conforme apresentado pelas autoras, a linguagem sinalizada se deu mediante a observação do monge Pedro Ponce de Leon de uso de sinais durante o voto de silêncio feito pelos monges ali presentes. Criou-se, então, um sistema de comunicação baseado em códigos manuais. De acordo com Honora e Frizanco (2009, p. 20) foi dado a Pedro Ponce de Leon “o mérito de provar que a pessoa surda era capaz, contrariando a afirmação anterior de Aristóteles de que quem não ouve também não pensa”.

Pedro Ponce de Leon iniciou um significativo trabalho de escolarização dos surdos, porém, o foco do seu método visava apenas o letramento de surdos de famílias nobres. O monge tornou-se encarregado pela igreja de instruir os filhos de famílias da nobreza, pois havia grande interesse de tais famílias de que seus familiares surdos fossem letrados, estando dispostos a pagar grandes fortunas para isso. Dessa forma a igreja controlava a educação.

No entanto, devido à forte visão de normalização da surdez, uma vez que essa condição era entendida como castigo de Deus e que a igreja teria o papel de correção e remissão dos pecados, os trabalhos de Pedro Ponce de Leon, teve pouca repercussão. Sendo assim, reverberou a concepção de que língua oral deveria ser a única forma de comunicação entre surdos e ouvintes, ficando, portanto, sob a responsabilidade do monge Pedro Ponce de Leon desenvolver um trabalho voltado para a oralização dos surdos.

Em 1620, o padre espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1633), considerado um dos primeiros preceptores de surdos, criou o primeiro tratado de ensino de surdos-mudos, idealizando o primeiro alfabeto manual (ilustrado na figura 1). Juan Pablo, “em seu livro, destaca como ideia principal que: Seria mais fácil para o surdo aprender se cada som fosse substituído por um símbolo visual” (Honora; Frizanco, 2009, p. 20).

**Figura 1** – Alfabeto de Juan Pablo Bonet



Fonte: Reducción de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos (Bonet, 1620)<sup>7</sup>.

Depois de Juan Pablo Bonet, vários outros estudiosos se interessaram pela educação dos surdos. No século XVII, foi notório o grande interesse de estudiosos na educação dos surdos ao perceberem o grande retorno financeiro que esse tipo de educação lhes possibilitava, devido ao grande interesse das famílias da nobreza de que seus filhos surdos também recebessem educação. O século XVIII foi considerado por muitos o período, e mais próspero, na educação dos surdos.

Em 1760 foi fundado em Paris, na França, a primeira escola pública no mundo voltada para a educação dos surdos, pelo abade francês Charles-Michel de L'Épée (1712-1789) um educador filantrópico, ficando conhecido como “pai dos surdos”. Essa iniciativa impulsionou os avanços na proposta de escolarização dos surdos.

A educação dos surdos por meio de uma comunicação sinalizada se expandiu por toda a Europa, sendo criada várias escolas e, posteriormente, obteve avanços e adeptos também nos Estados Unidos e outras partes do mundo.

Apesar de vários trabalhos serem desenvolvidos com base na comunicação sinalizada a tendência mundial para a educação dos surdos caminhava rumo à oralização que ganhava forças no cenário mundial.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://saber.sapo.cv/wiki>. Acesso em: 02 jan. 2024

Em Portugal, Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), educador de surdos que, embora fosse fluente e usasse a comunicação sinalizada, defendia a oralização dos surdos. Jacob conseguiu, com os seus trabalhos, ‘desmutizar’ 12 alunos surdos que possuíam surdez parcial, evidenciando a forte tendência mundial para a proposta oralista. Essa tendência oralista que apresentava um avanço mundial deu à surdez uma visão patológica em que defendia a capacidade do surdo de oralizar e que os mesmos só poderiam desenvolver intelectualmente, linguisticamente e socialmente através de uma reabilitação clínica.

Samuel Heinecke (1729-1790), na Alemanha, foi o primeiro defensor do oralismo e o médico Jean-Marie Gaspar Stard (1729-1790) o primeiro a realizar treinos auditivos com surdos. Heinecke fundou a primeira Instituição para surdos, em Leipzig, na Alemanha em 1778 e, apesar de utilizar o alfabeto manual para surdos, tinha como finalidade a condução à oralização dos surdos.

Em 1817, o americano Tomas Gallaudet fascinado pelos trabalhos envolvendo a comunicação sinalizada, viajou até a França em busca de maiores informações. Ao retornar para os Estados Unidos trouxe consigo um surdo, Laurent Clerc, que desenvolveu a ASL (*American Sing Linguagem*) ou a Língua Americana de Sinais. Com isso, impulsionou a utilização da comunicação sinalizada na educação dos surdos nos Estados Unidos.

Posteriormente, em 1864, seu filho Eduard Gallaudet fundou em Washington, nos Estados Unidos, a primeira universidade pública para surdos na qual se utilizava da ASL (Língua americana de Sinais). Naquele período, a educação de surdos por meio da língua de sinais ganhava impulso nos Estados Unidos. E, surgia no cenário mundial duas tendências na educação dos surdos: a tendência do oralismo, um método alemão, e o gestualismo, método francês.

Apesar de todos os trabalhos desenvolvidos por muitos defensores da comunicação sinalizada a tendência mundial para a oralização dos surdos foi, a cada mais, sendo fortalecida, embora a utilização da língua de sinas seja defendida por muitos estudiosos e a oralização e sinalização caminham juntos.

## **2.1 Oralismo**

Em 1879 ocorre o Primeiro Congresso Nacional Para o Melhoramento das Condições dos Surdos-Mudos na cidade de Lyon, no período de 22 a 24 de setembro. Neste evento, educadores franceses que trabalhavam com estudantes surdos discutiram qual seria o melhor método a ser utilizado em França que fortaleceu o movimento oralista. Esse evento objetivava

discutir o melhor método para a educação dos surdos, ficando determinada a utilização da língua de sinais e a leitura labial, já cogitando a proposta do oralismo puro para o cenário mundial.

Essa determinação durou apenas dois anos, haja vista que de 6 a 11 de setembro de 1880, ocorreu em Milão, Itália, o segundo congresso Mundial de Surdos-Mudos, no qual foi promovida uma votação que definiria o melhor método a ser utilizado na educação dos surdos. Nesse congresso havia cerca de 182 representantes de diversos países (Inglaterra, Itália, Canadá, Bélgica, Suécia, Estados Unidos, Alemanha e França); e, conforme Honora e Frizanco (2009, p. 24) “apenas um surdo participou do congresso, mas não teve o direito de voto, sendo convidado a se retirar da sala e durante a votação”. A quase total ausência de pessoas surdas fez com que a decisão fosse a de que o método mais adequado para a educação dos surdos seria o oralismo puro, visto que era necessário aproximar esses sujeitos do padrão de normalidade.

Mas, o que seria o oralismo puro? O oralismo puro se pauta em uma concepção clínica da surdez. Essa abordagem oralista parte do pressuposto de que pelo fato do surdo não ser mudo ele seria capaz de desenvolver a fala, e se houvesse uma combinação da fala com a leitura labial ele era plenamente capaz de se comunicar sem a utilização de uma língua sinalizada.

Esse método consistia na utilização da leitura labial, treinamentos auditivos e o desenvolvimento da fala, pressupondo que seria possível minimizar a surdez por meio da oralidade. Sob esse entendimento, considerava-se que a surdez poderia facilmente ser resolvida com a utilização de aparelhos auditivos e terapias da fala. De acordo com Lorenzini (2004):

A criança surda deve, então, se submeter a um processo de reabilitação que se inicia com a estimulação auditiva precoce, que consiste em aproveitar os resíduos auditivos que os surdos possuem e capacitá-las a discriminar os sons que ouvem. Através da audição e, também a partir das vibrações corporais e da leitura orofacial, a criança deve chegar à compreensão da fala dos outros e, finalmente, começar a oralizar (Lorenzini, 2004, p. 15).

A forte defesa do oralismo levou a exaustivas seções terapêuticas visando a reabilitação da pessoa surda, deixando na maioria das vezes o ensino e aprendizagem em segundo plano. No que se refere à determinação do método oralista feita no congresso de Milão, Skiliar *et al.* (2001, p 11) comentam que “impôs a superioridade da língua falada com respeito à língua de sinais”; e, observa-se que o congresso Mundial de Milão refletiu apenas os interesses das classes dominantes que concebia a surdez em uma visão clínica. A partir de então, os trabalhos e estudos em torno da surdez são inteiramente fundamentados em uma visão clínica terapêutica, tendo como objetivo a extinção da língua de sinais.

Após a determinação do oralismo na educação dos surdos no segundo congresso em Milão, essa abordagem passou a ser adotada por vários países da Europa como sendo a melhor proposta para educação dos surdos. Conforme Honora e Frizanco (2009):

Quando eles já estavam em uma situação diferenciada, sendo instruídos, educados e usuários de uma língua que lhe permitia conhecimento de mundo, uma determinação mundial lhes colocou de novo em uma posição submissa, proibindo-os, a partir daquela data, de usarem a língua que lhe eram de direito (Honora; Frizanco, 2009, p. 25).

Percebemos que conforme descrito pelas autoras uma grande violência foi cometida contra as pessoas surdas, tirando o direito a sua língua. Strobel (2009, p. 12) identifica esse período como “isolamento cultural”. Essa proposta de abordagem oralista perdurou por mais de 80 anos e trouxe grandes impactos na vida da pessoa surda, lhes causando desconforto social, sobretudo grandes prejuízos na vida educacional.

É importante ressaltar que, há evidências do fracasso escolar da maioria dos surdos devido ao método oficial adotado pela maioria das instituições. Mas, mesmo sendo uma imposição que desconsiderava a percepção dos próprios surdos, algumas pessoas se adaptaram bem à abordagem oralista.

Honara e Frizanco (2009, p.26) relatam que, “os surdos que não se adaptavam eram considerados retardados. Não era respeitada a dificuldade de alguns surdos por causa de sua perda de audição severa e profunda”. De acordo com Quadros (1997, p. 22) o “[...] oralismo foi e continua sendo uma experiência que apresenta resultados nada atraentes para o desenvolvimento da linguagem e da comunidade dos surdos”. Sá (1999) destaca a atenção aos pontos negativos da abordagem oralista ao citar que:

Considerando que o processo de aprendizagem de uma língua na modalidade oral, por uma criança surda, demora em média 10 anos (ainda que a criança surda comece a ser atendida muito precocemente), numa abordagem eminentemente oralista, certamente seu desenvolvimento cognitivo será prejudicado por não ter um código linguístico estabelecido no período ótimo de seu desenvolvimento (Sá, 1999, p. 93).

Em consonância com as percepções supramencionadas e, considerando o longo processo para aquisição da oralização, Pires (2018, p. 53) salienta que a evidência “dos aspectos negativos do Oralismo residem na dificuldade que os surdos enfrentavam em se adequarem às exaustivas terapias de linguagem que podiam durar anos de treinos de leitura labial. Assim a maioria das pessoas surdas abandonavam as escolas”.

Diante de todas as dificuldades verificadas ao longo dos anos em relação à tradição oralista, houve o fortalecimento dos estudos em torno da língua de sinais realizado em 1960. Esses estudos foram desenvolvidos, inicialmente, pelo linguista americano William Stokoe e, posteriormente, por outros estudiosos. As pesquisas mostraram maior atenção aos benefícios da utilização da língua de sinais no processo educacional dos surdos. Surgiu então a proposta da abordagem da comunicação total, sobre a qual explicamos no próximo tópico.

## **2.2 Comunicação Total**

A comunicação total apareceu no cenário mundial a partir de pesquisas realizadas pelo linguista americano William Stokoe (1960). Tais estudos aconteceram a partir das evidências de que os gestos utilizados na comunicação dos surdos apresentam características que se enquadram nos requisitos linguísticos de uma língua e a constatação da ineficácia da proposta da oralismo puro.

Surgiu, então, a partir de 1968 a abordagem da comunicação total. Costa (1994) define essa proposta da seguinte forma:

Utiliza da língua de sinais, o alfabeto digital, amplificação sonora, a leitura dos movimentos dos lábios, leitura e escrita, e todos estes aspectos ao mesmo tempo. Ou seja, enfatizando para o ensino, o desenvolvimento da linguagem. Portanto, a Comunicação Total é um procedimento baseado nos múltiplos aspectos das orientações manualistas e oralista para ensino da comunicação ao deficiente auditivo (Costa, 1994, p. 103).

Conforme já salientado por Costa (1994) a abordagem da comunicação total adota toda e qualquer forma de recursos para alcançar a comunicação (Mímicas, leitura, teatro, leitura labial e escrita). Desse modo, a comunicação total propõe uma forma combinada de linguagem oral, leitura labial, gestos e alfabeto manual, amplificação sonora por meio de aparelhos auditivos e leitura e escrita.

Dentro dessa abordagem a língua oral mostra-se de suma importância para a inserção e estabelecimento de relações sociais dos surdos e propõe a interação entre a língua oral e sinalizada com o intuito de promover a comunicação, resgatando com isso a língua de sinais que anteriormente havia sido proibida.

A comunicação total identifica a dificuldade de aquisição da língua oral pela maioria dos surdos e reconhece que, nessa proposta, a criança surda fica privada de adquirir a língua de sinais como língua materna, ou seja, a primeira língua.

No entanto, essa abordagem educacional, com o passar do tempo, passou a ser questionada no que se refere a promover de fato a aprendizagem do aluno surdo no contexto escolar, devido à multiplicidade de recursos utilizados, dificultando a compreensão do aluno surdo. Segundo Sá (1999):

Os pontos negativos da Comunicação Total surgem, quando esta é considerada abordagem educacional ou sistema artificial de linguagem (Português Sinalizado, no nosso caso), ignorando, assim, seu caráter filosófico. Criticam ainda a comunicação total por esta continuar priorizando a língua da maioria [...] (Sá, 1999, p. 117).

Ao priorizar a língua oral e o uso do português sinalizado a abordagem da comunicação total torna-se ineficiente para a compreensão dos surdos. Pires (2018) corrobora com o argumento de Sá (1999, p. 117) de que “o modelo bimodal tem sido a principal crítica à Comunicação Total, pois os estudiosos argumentam que isso cria um sistema artificial da língua e, agindo assim, tanto o surdo quanto o professor ficam confusos”.

Com isso cresceram, em todo o mundo, as reivindicações e estudos voltados para uma terceira abordagem, o bilinguismo, sobre o qual tratamos mais adiante.

### **2.3 Bilinguismo**

Conforme mencionamos anteriormente, apesar das abordagens do oralismo e da comunicação total terem seus pontos positivos se mostraram ineficientes no que tange a possibilitar um efetivo processo de ensino e aprendizagem da maioria dos surdos, é importante ressaltar que, dentro das duas abordagens apresentadas alguns surdos tiveram uma boa adaptação. Mesmo assim, diante das dificuldades da maioria, estabeleceu-se uma nova proposta: o bilinguismo.

Segundo Quadros (1997, p. 27), “o bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar”. Quadros (1997, p. 30), ainda menciona que, no que se refere à educação surdo encontra-se em a existência duas formas: “o ensino da segunda língua quase de forma concomitante à aquisição da primeira língua e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira língua”

Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

A primeira experiência voltada ao bilinguismo ocorreu na França a partir de 1979, e foi desenvolvido pela educadora francesa Suzanne Boral-Maisong, especialista no método fonético-gestual, em que o aprendizado de sons está associado a gestos. Com o auxílio de duas professoras, uma ouvinte e uma surda, Suzanne promoveu a primeira experiência pedagógica sustentada no bilinguismo, baseando a aprendizagem dos surdos a partir da utilização da língua de sinais francesa. Fundamentando-se no trabalho de Suzanne, a professora Danielle Bouvet iniciou a sua primeira turma bilíngue em 1981 (Stumpf, 2006). Nessa experiência, a língua de sinais francesa foi ensinada como língua materna dos surdos e a língua francesa como segunda língua.

De acordo com Stumpf (2006), as observações feitas sobre o ensino bilíngue realizado na França evidenciam essas práticas educacionais em duas cidades francesas: Toulouse e Poitiers. Conforme a autora, os resultados obtidos mediante essa proposta foram satisfatórios. O bilinguismo continua a ser utilizado na França até os dias de hoje, tornando a França uma referência mundial na educação de surdos.

Essa abordagem passou a ter a aceitação no cenário mundial, fortalecendo assim a luta dos movimentos surdos em prol da real efetivação desta proposta também no Brasil que, ao longo dos anos, também vivenciou experiências diversas no que se refere à educação de pessoas surdas. A seguir, evidenciamos alguns aspectos históricos acerca desse processo.

## **2.4 A história da Educação dos surdos no Brasil**

A educação dos surdos no Brasil teve início no século XIX durante o segundo Império em 1855, com a vinda, para o Rio de Janeiro de um ex-aluno e professor do Instituto de surdos-Mudos de Paris. Com a chegada de Eduard Huet, Dom Pedro II solicitou ao Marquês de Abrantes que organizasse uma comissão a fim de promover a fundação de uma escola para atendimento de alunos 2 surdos-mudos.

Segundo Strobel (2008, p. 89), embora não haja comprovação deste fato, “deduz-se que o imperador D. Pedro II se interessou pela educação dos surdos devido ao seu genro, o Príncipe Luís Gastão de Orléans (o Conde d’Eu), marido de sua segunda filha, a princesa Isabel, ser parcialmente surdo”.

Em 1856 essa comissão se reuniu e tomou como primeira deliberação a criação do Instituto Nacional de Surdos e Mudos -INSM que posteriormente se tornou INES, localizado no Rio de Janeiro.

Em 26 de setembro de 1857 foi aprovada a Lei de n. 839 que designava a verba para auxílio orçamentário ao novo estabelecimento e pensão anual para cada um dos dez alunos que o governo imperial mandou admitir no Instituto.

De acordo com Honora e Frizanco (2009, p. 27) “o Instituto tinha vagas para 100 alunos e somente 30 vagas eram financiadas pelo o governo de forma gratuita”, as demais eram custeadas pela própria família do surdo. O Instituto Nacional de Surdos utilizava, a princípio, a língua francesa de sinais que foi sendo adaptada para a língua portuguesa do Brasil dando origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Em 1911 o Brasil aderiu à decisão tomada no Congresso de Milão e passou a adotar oralismo puro. Durante décadas o Instituto tinha em sua gestão profissionais ligados à medicina tornando evidente a visão médica sob a surdez.

Somente em 1951, assumiu a direção do Instituto um profissional ligado à educação, a professora Ana Rímoli de Faria, dando ao Instituto um ensino de caráter pedagógico, porém, ainda sob a abordagem oralista.

A década de 1950 foi de grande importância para educação no Brasil, pois muitas discussões ocorreram, como: o debate sobre a primeira lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o movimento em defesa da escola pública entre outros.

Uma grande inovação da gestão da professora Ana Rímoli foi a criação do Curso Normal de formação de Professores Surdos. A partir de então houve uma ampliação do número de vagas no Instituto no curso primário, ensino médio e também a criação de outros cursos como: Educação Física geral e Especializada, recreação e jogos, belas artes etc. Essas mudanças contribuíram para que o Instituto se tornasse a maior referência de educação de surdos no Brasil. Porém, a metodologia utilizada se baseava na determinação da utilização do oralismo. Mais tarde, os insucessos dessa abordagem tornaram-se evidentes pela dificuldade que os surdos encontravam em desenvolver a língua oral.

Somente na década de 1970, mediante a observação do fracasso do oralismo puro na educação dos surdos e com a visita de Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da Universidade Gallaudet, é que chegou ao Brasil proposta para educação dos surdos fundamentada na filosofia da comunicação total, que embora não abandonasse o oralismo, resgatava a língua de sinais, tendo como princípio básico promover a comunicação. E, assim como em outras partes do mundo, no Brasil também se mostrou ineficaz no efetivo desenvolvimento dos surdos.

O bilinguismo surgiu no Brasil na década de 1980 como proposta para educação dos surdos a partir das pesquisas desenvolvidas pela linguista Lucinda Ferreira Brito sobre a Língua

Brasileira de Sinais e da professora Eulália Fernandes, sobre a educação de surdos. Por meio desses estudos o bilinguismo começou a ser difundido.

No Brasil, o bilinguismo apresentou como pressuposto básico a ideia de que surdo precisa da aquisição das duas línguas, a língua de sinais como língua materna, visto ser considerada a língua natural dos surdos, e como segunda língua, a língua oficial do país. Essa proposta daria um novo rumo na proposta educacional dos surdos no Brasil.

Segundo Quadros (1997),

[...] o bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que tem como objetivo tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que, considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita (Quadros, 1997, p. 27).

A abordagem bilíngue parte da proposta de que a educação para surdos acontece em duas línguas: L1 – Língua Brasileira de Sinais (Libras) e L2 – Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, sendo a oralidade uma opção ao sujeito surdo, tendo em vista que alguns surdos preferem a oralização por ter em seu convívio diário pessoas ouvintes.

De acordo com os estudos realizados, a proposta bilíngue vai além da área da Linguística, abarcaram também as áreas da Sociologia, da Antropologia Cultural, Psicologia Pedagógica, dentre outras. Desse modo, observamos o bilinguismo se opõe à concepção clínico patológica da surdez e contribui para se ter um novo olhar sobre a pessoa surda, ao ponderar que os surdos possuem semelhanças notáveis com as minorias linguísticas e culturais.

Já no final dos anos de 1980, no Brasil, as comunidades surdas começaram a liderar o movimento de oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Na década de 1990 houve um projeto de Lei da então senadora Benedita da Silva que deu início a uma longa batalha de legalização e regulamentação da Libras, em âmbito federal. Conforme Strobel (2008):

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), graças à luta sistemática e persistente das comunidades surdas, vitoriosamente foi reconhecida pela nação brasileira como a língua oficial do povo surdo, com a publicação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 (Strobel, 2008, p. 66).

Diante da persistência da comunidade surda, em 2002, a Libras foi reconhecida legalmente no Brasil pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação

e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A partir do reconhecimento legal da Libras no Brasil, fortaleceu-se a proposta do bilinguismo. E, embora a proposta do bilinguismo tenha sido uma grande conquista dos movimentos surdos no Brasil, ainda serão necessárias muitas lutas para a real efetivação de seus direitos.

Diante do exposto, vimos neste capítulo que a trajetória histórica dos surdos no cenário mundial e nacional perpassou diferentes momentos e propostas educacionais refletindo as diferentes concepções de surdo e surdez no decorrer da história.

Ao longo da história, sujeitos surdos têm enfrentado barreiras significativas nos diferentes campos sociais, incluindo educação, acesso à informação e participação social. No entanto, através dos movimentos, a comunidade surda tem conquistado avanços importantes na luta pelo direito linguísticos, igualdade e reconhecimento.

A importância desses movimentos é evidenciada em diversos aspectos. Primeiramente, eles são fundamentais para a promoção da conscientização sobre as necessidades e os direitos das pessoas surdas, ajudando a quebrar estigmas e preconceitos. Além disso, promovem a inclusão linguística ao valorizar a Língua de Sinais. Movimentos surdos também são vitais na luta por políticas públicas que garantam a acessibilidade e a igualdade de oportunidades em áreas como educação, saúde e mercado de trabalho. É importante ressaltarmos que por décadas a comunidade surda vem se mobilizando em prol de uma educação que atenda às suas especificidades linguísticas e culturais, perpassando por diferentes abordagens educacionais e salientando o fracasso de todas elas até o momento, buscando na atualidade a proposta de educação bilingue como a mais reivindicada pelos surdos,

No entanto faz-se necessário pontuarmos que a educação bilingue se caracteriza por mais uma proposta a ser experienciada assim como foi o oralismo, a Comunicação Total.

O capítulo a seguir tem como objetivo explorar a importância dos movimentos surdos, pontuando suas conquistas e seu impacto na sociedade e na vida das pessoas surdas. Sendo assim, abordamos temas como a história desses movimentos, suas conquistas e desafios, além de destacar a relevância da participação ativa da comunidade surda na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva

### **3.0 A ESCOLA QUE TEMOS NÃO É A ESCOLA QUE QUEREMOS**

*“Nada sobre nós, sem nós”  
(Sasaki, 2007, p. 8)*

Conforme a epígrafe citada desenvolvemos neste capítulo a ideia de que as discussões acerca da educação de pessoas surdas precisam levar em consideração a compreensão desses sujeitos. Desta forma, “nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência” (Sasaki, 2007, p. 8)

Diante disso, esclarecemos que, ao estabelecer como título para o capítulo - A escola que temos não é a escola que queremos, consideramos a importância de retomar a minha atuação como intérprete na rede estadual de ensino de Goiás. Em uma ocasião, foi perguntado a um aluno surdo o que ele estava achando da escola; e, após dizer que estava gostando ele mencionou a frase geradora desse capítulo, pois sonhava com uma escola em que não precisava chamar o intérprete para falar com seus professores e colegas de classe.

Para compreendermos melhor a colocação expressa pelo o aluno citado e levar o leitor a uma melhor compreensão da expressão “A escola que temos não é a escola que queremos” pontuaremos a seguir as características, bem como as vantagens e desafios dos dois modelos de escola ofertados atualmente pelo sistema educacional brasileiro.

#### **3.1 Escola bilíngue X Escola inclusiva.**

O modelo de Educação inclusiva surge em resultado das discussões sobre igualdade e direitos humanos nos anos de 1990, tendo como objetivo contrapor o modelo de escolas especiais destinadas unicamente ao atendimento de estudantes com deficiência.

O modelo escola inclusiva adotado no Brasil e em muitos outros países tem como princípio o atendimento de todos alunos, tendo ele deficiência ou não, no mesmo ambiente. Reis fala da inclusão como "uma preocupação com aqueles que se encontram excluídos do processo educacional." Reis (2006 p, 117). A autora apresenta esse conceito com base nas determinações da conferencia de Salamanca que norteou todo o modelo de educação no Brasil e no mundo.

##### **3.1.1 Escola Inclusiva e suas características.**

As escolas inclusivas no Brasil têm como compromisso o atendimento equalitário a todos sem exceção e para isso busca se organizar de forma que integre de maneira prática os princípios de acessibilidade, Diversidade, Igualdade de Oportunidades, flexibilização curricular, Infraestrutura Adaptada, Metodologias Ativas, Avaliação Flexível, Capacitação sobre Diversidade, Deficiências, apoio educacional especializado e muitos outros.

**Preparo da escola:** Segundo Sasaki (1997, p. 3), inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

**Currículo:** Dentro do modelo inclusivo segue-se um currículo comum a todos os alunos independente de suas necessidades. No entanto, faz-se as adaptações quando necessário.

Analisaremos a seguir as vantagens e desafios para o aluno surdo da escola inclusiva e da Escola Bilíngue.

### 3.1.2 Escolas Inclusivas.

#### **Vantagens:**

**Socialização:** Promove a interação social entre surdos e ouvintes, " preconiza que todos os alunos, independentemente de sua condição orgânica, afetiva, socioeconômica ou cultural, devem ser inseridos na escola regular, sem qualquer tipo de discriminação ou preconceito."

Reis (2009 p.23). Neste aspecto, a Declaração de Salamanca (1994, p. 5) diz que:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades.

**Acesso ao Currículo Comum:** Os alunos surdos têm acesso ao mesmo conteúdo curricular que seus colegas ouvintes, com as adaptações necessárias. O acesso ao currículo comum possibilita os alunos surdos as mesmas oportunidades de aprendizado e desempenho acadêmico que seus colegas ouvintes. Sendo de fundamental importância para a promoção da equidade, possibilitando que todos os alunos, independentemente de suas capacidades auditivas, possam desenvolver seu potencial acadêmico.

#### **Desafios:**

**Falta de Profissionais Capacitados e Desvalorização Docente:** A inclusão de estudantes surdos em escolas regulares depende em grande parte da qualificação e valorização dos profissionais envolvidos. A falta de formação específica para lidar com as necessidades educativas dos surdos é um desafio recorrente. De acordo com Quadros e Schmiedt (2006, p.30), “os professores devem ser especialistas na língua de sinais, além é claro, de terem habilidades de explorar a capacidade das crianças surda”.

Muitos professores não possuem o conhecimento necessário sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou sobre as metodologias adequadas para o ensino de estudantes surdos, o que compromete a qualidade da educação oferecida.

Além disso, a desvalorização docente, refletida em baixos salários, condições de trabalho inadequadas e falta de reconhecimento profissional, agrava essa situação. Como apontado por Gatti e Barretto (2009, p.254).

“Esta situação desmotiva bons candidatos a professor e também os bons professores, que se sentem desvalorizados e acabam por procurar outra função fora da sala de aula para obter promoção significativa” Gatti e Barretto 2009, p.254.

A falta de investimento na carreira docente desmotiva os professores e limita sua capacidade de atender às demandas específicas de uma educação inclusiva, impactando diretamente a aprendizagem dos estudantes surdos.

**Exclusão de Profissionais do Processo de Mediação:** Outro grande desafio é a tendência de alguns profissionais da educação de se excluírem do processo de mediação pedagógica, deixando essa responsabilidade exclusivamente para os intérpretes de Libras. Essa prática, embora comum, é extremamente prejudicial, pois delega a um único profissional a tarefa de garantir a inclusão plena do estudante surdo.

A mediação entre o estudante surdo e o conteúdo educativo deveria ser uma responsabilidade compartilhada entre todos os profissionais da escola, incluindo professores, coordenadores e gestores. No entanto, a falta de capacitação e muitas vezes o desconhecimento sobre o papel de cada um nesse processo, faz com que o intérprete seja sobrecarregado, o que pode resultar em uma inclusão parcial ou falha.

### **3.2 Escola Bilíngues e suas características:**

A educação de surdos tem evoluído com a proposta de escolas bilíngues, que valorizam tanto a Língua de Sinais quanto a Língua Portuguesa. Este modelo educacional visa promover a inclusão, o respeito à cultura surda e o desenvolvimento pleno dos alunos. No entanto, essa trajetória envolve tanto vantagens quanto desafios que merecem ser discutidos, assim como as características que definem essas instituições.

### **Características:**

**Educação Bilíngue:** As escolas oferecem um ensino que integra a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita utilizando ambas as línguas no processo de ensino-aprendizagem. Defendida por (Sá.1999. p. 135) “A abordagem educacional com o bilinguismo para surdos é aquela que acima de tudo estabelece que o trabalho escolar deve ser feito em duas línguas com privilégios diferentes”.

**Currículo Inclusivo:** Adequação de currículo visando refletir a cultura surda, abordando temas que são relevantes e significativos para a comunidade surda. De acordo com Silva,( 2013 p.5) “Os currículos adaptados oportunizam ao aluno surdo, desenvolver suas habilidades linguísticas na língua materna - Libras - para que essas habilidades possam apoiá-lo nas competências da escrita da Língua Portuguesa”.

**Formação de Professores:** Educadores são capacitados em Língua de Sinais e na cultura surda, permitindo uma comunicação eficaz e uma compreensão das necessidades dos alunos. “A educação bilíngue depende de professores bilíngues. Assim, pensar em ensinar uma segunda língua pressupõe a existência de uma primeira língua, o professor que assume essa tarefa necessita aprender a língua de sinais brasileira” (Quadros et al., 2006, p. 19).

**Ambiente Visual:** O espaço escolar é projetado para favorecer a comunicação visual, com recursos que estimulam a interação e o aprendizado. Sendo a surdez amparada pela experiência visual de acordo com Skliar,2013 p.28: “todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual”

**Valorização da Cultura Surda:** As instituições promovem atividades que celebram a cultura surda, reforçando a identidade dos alunos e proporcionando um espaço seguro para a expressão cultural.

**Comunicação Acessível:** A comunicação é facilitada por intérpretes e materiais adaptados, garantindo que todos os alunos possam participar plenamente das atividades. Para Damázio (2007, p.52) O intérprete é "peça fundamental para a construção do conhecimento do aluno surdo.”

**Vantagens:**

As escolas bilíngues para surdos oferecem uma série de vantagens. Um dos principais benefícios é a valorização da identidade cultural dos alunos. (Gesueli, 2006, p.288) “afirmar a importância da língua de sinais na constituição da identidade surda e no trabalho educacional”, essa afirmação ressalta a importância da Língua de Sinais como ferramenta de inclusão e afirmação identitária.

Além disso, o bilinguismo possibilita a aquisição de habilidades linguísticas em ambas as línguas, contribuindo assim para a autonomia e auto estima do surdo. A educação bilíngue permite que alunos surdos desenvolvam competências em Língua Portuguesa e Língua de Sinais de forma simultânea, facilitando a comunicação em diversos contextos sociais.

Na educação dos surdos o bilinguismo contribui para uma maior flexibilidade cognitiva e para uma melhor compreensão do mundo. Segundo Skliar (1997, p.55)

“A educação bilíngue deve proporcionar aos alunos e criar condições linguísticas e educativas apropriadas para o desenvolvimento bilíngue e bicultural dos surdos, gerar uma mudança de status e de valores no conhecimento e no uso das línguas implicadas na educação.” Skliar (1997, p.55)

A proposta de uma educação bilíngue traz ao aluno surdo, conforme expresso pelo autor, uma mudança de status e valores contribuindo para sua autonomia e possibilidade de exercício de sua cidadania.

No entanto é importante ressaltar que a educação em uma modalidade bilíngue além das vantagens existe grandes desafios para o sistema educacional brasileiro.

**Desafios:**

**Formação de professores:** Apesar das vantagens, as escolas bilíngues enfrentam desafios significativos. Um dos principais obstáculos é a formação de professores. A escassez de profissionais capacitados que dominem tanto a Língua de Sinais quanto a Língua Portuguesa é um fator limitante. Como observa Pires e Santos (2020, p. 73), "Um dos grandes desafios das Instituições de ensino superior é fornecer aos futuros professores a formação necessária em uma perspectiva bilíngue afim de atender a novas demandas”.

**Discriminação Linguística e Cultural:** A dificuldade em que a sociedade tem em aceitar a Libras como língua plena e a constante imposição do português oral e escrito como a única forma de comunicação "correta" geram desafios na proposta de implementação de uma escola bilíngue.

Muitas vezes, a Libras é vista como uma língua de 'segunda classe', e isso reflete uma visão limitada sobre a diversidade linguística e cultural dos surdos", afirma a especialista em educação inclusiva, Souza (2016, p. 61). Essa discriminação cultural e linguística não só impede a plena inclusão dos alunos surdos, mas também prejudica seu desenvolvimento acadêmico e social.

**Infraestrutura e Recursos Educacionais:** Outro desafio relevante é a falta de infraestrutura e recursos educacionais adequados para a implementação do modelo bilíngue. As escolas precisam de materiais didáticos que considerem a Libras e que possibilitem uma interação eficaz entre alunos surdos e seus professores. A produção de conteúdo pedagógico adaptado para a realidade bilíngue ainda é limitada, como observa, Lebedeff (2010, p. 192). Sobre o uso de estratégias visuais na educação de surdos, Lebedeff ressalta a “carência de práticas reais que permitam aos surdos se perceberem realmente como sujeitos visuais”, além de apontar a necessidade de uma pedagogia voltada à surdez. Essa carência de materiais pedagógicos que integrem a Libras e o português de forma efetiva dificulta a aprendizagem dos alunos surdos e limita as possibilidades de um ensino bilíngue de qualidade.

Além disso, muitas escolas enfrentam a falta de tecnologia assistiva que possibilite a inclusão de estudantes surdos, como intérpretes de Libras ou softwares educativos específicos. A falta de recursos adequados acaba por marginalizar os alunos surdos dentro do sistema educacional, tornando o ensino bilíngue mais difícil de ser implementado com eficácia.

Poderíamos citar diversas vantagens e desafios de ambas propostas: escolas inclusivas e escolas bilíngues. No entanto nos atemos nestas, pois o intuito é justificar o tema do nosso capítulo baseado na fala de um aluno surdo. A seguir abordaremos os movimentos surdos entorno da conquista não somente de sua língua como também de uma proposta de escolas bilíngues no cenário mundial e no cenário da educação brasileiro.

### **3.3 Movimentos surdos em prol de uma Educação bilíngue.**

Desde os primórdios da história da humanidade as pessoas em condição de deficiência, entre elas as pessoas surdas, têm lutado para alcançar o seu lugar na sociedade no âmbito educacional, conforme abordamos no segundo capítulo do nosso trabalho.

Os movimentos surdos surgiram em virtude da persistente marginalização e discriminação vivida por pessoas surdas ao longo dos séculos e sempre teve como pauta o direito ao reconhecimento linguístico e a educação. Esses movimentos desempenham um papel

crucial na promoção de uma compreensão mais ampla da realidade surda, não como uma deficiência, mas, como uma característica cultural e linguística.

Neste capítulo exploramos a importância desses movimentos sob a ótica dos direitos humanos, da identidade e da inclusão social, oferecendo uma análise crítica de suas contribuições e desafios. Ao longo do texto, destacamos a evolução histórica dos movimentos surdos, suas principais conquistas, pontuando suas influências e avanços em torno da perspectiva de uma educação bilíngue e do reconhecimento linguístico.

Nesse sentido, ainda neste capítulo, evidenciamos os principais documentos internacionais e nacionais e políticas públicas constituídos como resultado da mobilização organizada nos diferentes momentos da história e situamos o leitor quanto à trajetória de luta em especial da comunidade surda no âmbito internacional e nacional, bem como em Goiás, em prol de um modelo de escola e educação voltados a uma proposta de modalidade bilíngue.

Para iniciarmos a reflexão sobre a temática proposta nesse capítulo, consideramos necessário mencionar a importância que os movimentos sociais desempenharam na história das sociedades, contribuindo para o desenvolvimento e a evolução das mesmas através da luta por direitos, liberdades e justiça.

E antes de perpassar pela compreensão histórica dos movimentos dos surdos em busca em reconhecimento é importante definir o que é um movimento social. Podemos presumir que qualquer discordância pode ser definida por um movimento social?

Segundo Gohn (1997, p.254) “Não! (...) os movimentos não são simples ideias ou entes fantasmas. Eles têm uma concretude e para viabilizar e operacionalizar suas pautas e agendas de ação se apoiam em instituições e em organizações da sociedade civil e política”.

Para a autora o que caracteriza um movimento não são somente ideias ou discordância mais sim uma concretude, ou seja, um movimento deve promover transformações em uma sociedade. Foram justamente os movimentos que transformaram em especial a nossa educação em uma educação inclusiva.

Aos poucos esses movimentos foram se estruturando, organizando, ganhando visibilidade e adeptos em prol do direito a uma educação para todos. Em virtude das mobilizações houve no cenário mundial e nacional algumas conquistas e alguns marcos históricos. A par disso, podemos destacar: a Declaração Universal dos Direitos do Humanos assinado pela Organização das Nações Unidas - ONU (1948); a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989); a Conferência Mundial Educação para Todos (1990), com a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990); a Conferência Mundial sobre Necessidades

Educacionais Especiais: acesso e qualidade, com a Convenção de Guatemala (1994) e muitos outros.

Um dos primeiros e talvez o mais importante documento, foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Esse documento foi elaborado em virtude de um forte movimento social que reverberou no mundo mediante as atrocidades cometidas durante a primeira e segunda guerra mundial. A DUDH foi assinada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948, estabelecendo direitos fundamentais a todos seres humanos, independente do sexo, cor, orientação política ou religiosa.

Em 20 de novembro de 1989 houve um outro marco histórico mediante movimentos em torno dos direitos de crianças órfãos da guerra: Convenção sobre os Direitos da Criança. Dentre os direitos garantidos, destaca-se o direito à saúde, à vida, à não discriminação, à educação, à preservação de sua identidade, à liberdade de pensamento, religião, ao lazer, a proteção contra abusos e violência entre outros.

De maneira geral, a Convenção sobre os Direitos das Crianças é tida como umas das maiores conquistas históricas por ter influenciado normas legislativas de proteção às crianças e adolescentes em todo o mundo, inclusive o Brasil na elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Outra conquista que resultou da mobilização em torno dos direitos a igualdade dos movimentos foi a Conferência Mundial Educação para Todos em 1990. É considerada um importante conquista, porque apesar dos direitos a educação terem sido salientados na Declaração Universal dos Direitos Humanos há mais de quarenta anos, a educação na década de 1990 ainda apresentava um grande número de adultos analfabetos e crianças sem acesso ao ensino primário, principalmente em países de terceiro mundo.

Ainda nos 90 a partir de fortes reivindicações, contando com a adesão de noventa e dois representantes governamentais e vinte cinco organizações internacionais, foi realizada a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, em 1994. Esse evento foi promovido pelo governo da Espanha em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na cidade de Barcelona, Espanha. Na ocasião, foi estabelecido como princípio norteador a ideia de que todas as escolas deveriam acolher todas as crianças independente de sua condição. As discussões resultaram em um dos mais significativos documentos: Declaração de Salamanca, que norteou a conquista de diversos documentos e políticas públicas no mundo todo, inclusive no Brasil.

Destacamos a seguir um pouco do percurso dos movimentos surdos no decorrer da história e suas principais reivindicações, primeiramente no cenário mundial e posteriormente no âmbito nacional e regional pontuando suas lutas e conquistas.

A comunidade surda busca nos movimentos surdos a viabilidade de caminhada política de resistência às práticas ouvintistas<sup>8</sup>, até então, predominante nos diferentes espaços sociais, culturais e educacionais. A comunidade surda buscou nos movimentos surdos uma possibilidade de luta pelo reconhecimento e visibilidade de sua língua, cultura e identidade enquanto indivíduo surdo e enquanto grupo. Encontramos nas palavras de Perlin (1998), uma pesquisadora surda, sua visão da importância dos movimentos surdos:

Nos movimentos surdos estão presentes surdos e ouvintes solidários que se unem numa oposição aos efeitos das forças tradicionais ouvintes. (...) Como todos movimentos sociais o movimento surdo assume uma caminhada política (...) contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (Perlin, 1998, p. 71).

Para a autora os movimentos surdos estabelecem entre surdos e ouvintes solidários uma força de resistência contra o poder ouvinte de ideologia ouvintista, predominante na sociedade, evando a luta dos indivíduos surdos para serem aceitos em suas diferenças em todas as esferas sociais.

Sobre o conceito de comunidade surda, Padden (1993) apresenta uma definição:

[...] é assim que defino uma comunidade surda: ela é feita de um grupo de pessoas em que suas vidas estão constantemente, cada dia, envolvidas na interação de pessoas surdas. A comunidade surda é feita de pessoas surdas, mas também de pessoas que se movem dentro e fora da vida das pessoas surdas de forma importante – intérpretes, pessoas que trabalham em agências de Serviço Social, professores, outros profissionais, amigos ouvintes que trabalham muito próximos de pessoa surda (Padden, 1993, p. 5).

A autora traça um perfil dos movimentos surdos ao evidenciar que são formados por surdos e ouvintes e justamente desse modelo que tratamos nesse capítulo.

No que se refere à ideologia ouvintista pela qual a comunidade surda vem contestando no decorrer da história, Skliar (1998) a define como:

---

<sup>8</sup> Skliar (1998, p. 15) introduziu o termo ‘ouvintismo’ como: “[...] um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Nessa perspectiva é que acontecem as percepções e estigmatização do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas”. Perlin (1998, p. 58) o retoma como “‘ouvintização’ ao analisar as formas de alienação de pessoas surdas por estereótipos de surdos reproduzidos na sociedade”.

[...] uma forma particular e específica de colonização dos ouvintes sobre os surdos. Supõem representações, práticas de significação, dispositivos pedagógicos etc., em que os surdos são vistos como sujeitos inferiores, primitivos e incompletos (Skliar, 2013, p. 7).

Ainda conforme o mesmo autor, o ouvintismo seria ainda, “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 1998, p 15).

Diante dessa realidade ouvintista na qual o surdo encontra-se inserido formou-se movimento de resistência e reivindicações em prol de reconhecimento e igualdade de direitos. Esses movimentos ocorrem e se fortalecem a partir dos espaços articulados pelos próprios surdos em associações, clubes e cooperativas, por meio dos quais fazem um intercâmbio cultural e linguísticos compartilhando e fortalecendo os seus ideais, sendo também um espaço de estabelecimento do direito ao uso de sua língua.

As reivindicações surdas se diversificam conforme a suas realidades locais e nacionais. Muitas questões são comuns, como - direitos linguísticos e direito à educação, sendo coordenada pela federação Mundial de Surdos (*World Federation of the Deaf- WFD*). Com sede na Finlândia, as demais questões são coordenadas pelas as associações locais. Como se deu os surgimentos de tais movimentos? Abordaremos um pouco do contexto histórico dos movimentos surdos e suas principais reivindicações e conquistas.

### **3.4 Movimentos surdos no mundo: Avanços e conquistas**

Embora a luta do sujeito surdo pelo reconhecimento e igualdade seja algo bem antigo, conforme destacamos no capítulo dois, os movimentos surdos se estruturaram de forma mais organizada a partir do século XX, ganhando forças e adesão com a conferência de Milão de 1880 na Itália, no qual houve a proibição da língua de sinais priorizando a oralização. Esse evento é reconhecido como um marco negativo para as comunidades surdas em todo o mundo, levando a um grande retrocesso nas conquistas em torno da surdez.

No entanto, tal acontecimento tornou-se uma força motriz em prol de uma mobilização mais efetiva. O movimento surdo recebeu fortalecimento a partir de 1951, quando a comunidade surda resolveu se unir e fundar a *World Federation of the Deaf* –WFD (Federação Mundial de Surdos) que se uniu para lutar pelos direitos das pessoas surdas.

Em 1971 surgiram os primeiros resultados e evidências desse fortalecimento no Congresso Mundial de Surdos, realizado em Paris. Na ocasião, foram discutidos diversos

estudos e pesquisas sobre a proposta da utilização do método comunicação total em oposição ao oralismo puro estabelecido no congresso de Milão.

Segundo Ciccone (1990), nessa corrente em defesa da comunicação total o surdo é concebido de forma diferente do que os oralistas pensavam: ele não é visto só como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais, no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa. Porém, apesar de eles adotarem qualquer método que facilite o aprendizado do surdo, como a linguagem sinalizada, eles não admitem uma língua própria, e sim a língua do país traduzida para os sinais, como o Português sinalizado, por exemplo.

Quatro anos após o Congresso de Paris, ocorreu em Washington, Estados Unidos, um novo Congresso. Nele, praticamente de forma unânime, todos os presentes concordaram que o oralismo tinha prejudicado toda a comunidade surda durante quase 100 anos, evidenciando a crescente fortalecimento dos movimentos surdos.

Durante o século XX, as comunidades surdas começaram a se organizar e a defender seus direitos linguísticos e educacionais. Movimentos surdos, como o Movimento da Língua de Sinais Americana (ASL) nos Estados Unidos e a Federação Mundial dos Surdos (WFD), lutam para promover o reconhecimento e a valorização das línguas de sinais em todo o mundo. Os avanços tecnológicos, a globalização e disseminação da internet, proporcionaram às comunidades surdas novas formas de se conectar e se organizar.

Na década 1990, o movimento se fortaleceu ainda mais com a criação de novas associações e maior participação da comunidade surda em eventos e congressos. A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em Salamanca, Espanha, em 1994, teve grande influência no Brasil em virtude de toda a comoção mundial, reforçando a importância da educação inclusiva e do reconhecimento da língua de sinais.

Este novo cenário de políticas públicas inclusivas propiciou mudanças e conquistas linguísticas, educacionais, sociais e de direitos de cidadania da pessoa surda no Brasil.

### **3.5 Movimentos surdos no Brasil**

Os movimentos surdos no Brasil apresentam uma história rica e significativa, marcada por muitas lutas e conquistas. A mobilização da comunidade surda brasileira visa não apenas a promoção de seus direitos, mas também a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecimento de sua cultura e lutam em prol de uma educação que atenda, de fato, as suas especificidades em especial a linguística.

O fortalecimento das lutas dos movimentos surdos no Brasil se deu no século XIX com a institucionalização do direito à educação quando foi fundado, em 1857, na cidade do Rio de Janeiro, o Instituto de surdos-mudos, atualmente denominados Instituto Nacional de Educação de Surdos, a primeira escola para surdos no Brasil. Conforme Monteiro (2006):

[...] em 1856, chegou ao Brasil o professor Ernest Huet, surdo francês que trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil. Os surdos brasileiros, que deviam usar algum sistema de sinais próprio, em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), produziram a Língua de Sinais Brasileira. No ano seguinte, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e denominado o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Monteiro, 2006, p. 296).

De acordo com o autor supramencionado, a chegada do professor francês Ernest Huet e a fundação do Instituto Nacional de surdos-Mudos, atualmente conhecido como INES, é um marco na história da educação dos surdos no Brasil. A fundação do instituto colaborou para o fortalecimento do movimento surdo brasileiro, tendo em vista que foi de lá que “[...] partiram os surdos que vêm divulgando durante muitos anos a língua de sinais em todo o país” (Monteiro, 2006, p. 206)

Em 1930 um grupo de ativistas surdos e ex-alunos do INES fundam no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Surdos-Mudos (desativada, posteriormente, por não possuir um estatuto). Anos depois, em 1954, os surdos se uniram novamente e fundaram a Associação de Surdos de São Paulo e em vários estados a comunidade surda passou a se organizar em associações.

A partir de então a comunidade surda em todo Brasil passou a unir forças, de forma organizada em prol de suas reivindicações. Nesse sentido, em 1977, foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo (FENEIDA); no entanto, esse movimento apresentava uma particularidade que precisava ser revista: seus líderes eram compostos apenas de ouvintes.

Em 1987 um grupo de surdo se mobilizou em assembleia e, em votação, decidiram pelo fechamento da FENEIDA e a instituição da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) passando a ter como liderança uma pessoa surda. Desde a sua fundação a FENEIS tem liderado os movimentos surdos no Brasil. Dos 11 membros que compõem a diretoria 8 eram surdos, evidenciando o forte envolvimento dos ativistas surdos. Sobre a liderança da FENEIS o movimento surdo tem promovido, desde então, diferentes ações em defesa de seus ideais em todo o país. Conforme salientado por Brito (2013):

Em 1987, quando ela foi criada pelos ativistas surdos, representava apenas 16 entidades de e para surdos de sete estados brasileiros e do Distrito Federal (...). Dez anos depois, as instituições de e para surdos filiadas eram 88, situadas em 19 estados brasileiros e no distrito federal (...). Além disso, membros surdos e ouvintes da sua diretoria ocupavam cadeiras permanentes nos colegiados de órgãos públicos federais, estaduais e municipais, assegurando a representação política do movimento nessas instâncias (Brito, 2013, p. 87).

A partir de sua estruturação a FENEIS passou a ser o órgão de maior representatividade quanto à articulação dos movimentos surdos no Brasil, promovendo ações em prol de políticas públicas e de maior visibilidade da língua de sinais. Para isso, além das ações frente às lutas por políticas públicas, a FENEIS promove cursos para contribuir com a difusão das Libras e formação de intérpretes em todo o país.

### **3.5.1 Movimentos em favor do reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil e suas conquistas.**

No ano de 1993, entre 12 e 17 de setembro, foi organizado por um grupo de pesquisa - Estudo da Libras Aquisição da Linguagem e Aplicação à Educação de Surdos - da Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ), II Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais / Língua Oral) para Surdos, coordenado pela professora Lucinda Ferreiro. Neste evento, os participantes discutiram sobre metodologias de ensino da língua de sinais (ASL) para surdos brasileiros.

Em 1999, através do Núcleo de pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - NUPPES/UFRGS, foi organizado - V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, contando com a participação de pesquisadores de todo mundo. A realização desse evento mostrou o fortalecimento do movimento surdo no Brasil.

No ano de 2000 a Lei da Acessibilidade nº 10.098, de 19 de dezembro, deu início ao conjunto de leis que impulsionou a proposta de inclusão brasileira. A partir desse contexto de fortalecimento, as associações de surdos por todo o país, foram conquistando resultados positivos. Lodi (2013) relata que:

As primeiras discussões relativas ao reconhecimento e à legalização da língua de sinais e seu uso nos espaços educacionais tiveram início no ano de 1996, a partir da realização da Câmara Técnica O Surdo e a Língua de sinais, promovida pela Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (Corde), vinculada à Secretaria dos Direitos da Cidadania do Ministério da Justiça. Participaram da Câmara Técnica representantes de universidades públicas e privadas do Brasil, estabelecimentos de ensino para surdos, instituições voltadas ao desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a Libras e representantes da Federação

Nacional de Educação e Integração do Surdo (Feneis), por meio dos quais as comunidades surdas puderam ter voz em todas as discussões realizadas (...) Após quatro dias de intensos trabalhos, traçou-se, no documento final, o contexto em que as pessoas surdas viviam e apresentou-se a necessidade de legalização da Libras, a fim de ser possível a participação social dos membros das comunidades surdas como cidadãos brasileiros. (...) O documento final serviu de base para as discussões do Projeto de Lei nº 131/96 nas Comissões Técnicas do Senado Federal e, após quase seis anos de tramitação, culminou na Lei nº 10.436/02 (Lodi, 2013, p. 53).

Essa autora descreve todo o processo do movimento surdo mobilizado pela FENEIS em prol do reconhecimento legal da Libras, ocorrido em 24 de abril de 2002; sendo regulamentada 3 anos depois em 22 de dezembro de 2005 pelo Decreto 5.626. Tais conquistas trouxeram à comunidade surda no Brasil grande fortalecimento. No entanto, vale ressaltar que o reconhecimento da língua não deu à comunidade surda a efetivação de seus direitos linguísticos e mesmo após a regulamentação o movimento surdo no Brasil tem lutado pelo cumprimento da lei, em especial no âmbito educacional. As conquistas legais, frutos de lutas da comunidade surda, têm ocorrido no cenário mundial e nacional, mencionamos algumas delas, porém não as detalhamos visto terem sido tratadas anteriormente:

- 1948 - Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU);
- 2000 - A lei de acessibilidade, nº 10.098 (Brasil);
- 2001 - Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo, a FENEIS-RJ em parceria com o MEC e com o INES - promove capacitação de Professores/Intérpretes no Brasil para atuarem como professores nas escolas inclusivas;
- 2002 - Lei nº 10.436, institui a Libras, como língua oficial; como meio oficial de comunicação e expressão da comunidade surda
- 2005 - Regulamentação da Lei 10.436 pelo decreto de nº 5.626;
- 2008 - Criação do dia Nacional do Surdo, pela Lei nº 11.796;
- 2010 - Lei nº 12.319 regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras;
- Em maio de 2011 foi realizada, sobre a liderança da FENEIS, uma passeata em Brasília, reivindicando mais respeito pela língua de sinais e melhores condições na educação, levando a participação de mais de 3.000 surdos de todas as partes do país;
- 2015 - Criação da LBI - Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº13.146.);

- 2021 - Um grande marco em prol de uma educação bilíngue a alteração da LDB pela lei 14.091, que oferece a educação bilíngue como modalidade no Brasil e mediante essa grande conquista é que pautamos o nosso trabalho.

Mais recentemente, uma das grandes conquistas no âmbito educacional foi a alteração da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Pela lei 14.191 de 03 de agosto de 2021 que trouxe mudanças visando melhorar a qualidade da educação dos surdos no Brasil, mudanças essas que abordamos de forma mais detalhada no próximo capítulo.

### **3.6 Movimentos surdos em Goiás**

O movimento surdo em Goiás, assim como no Brasil, apresenta uma significativa resistência, luta e conquistas. Com raízes profundas na busca por direitos iguais, inclusão e reconhecimento, a comunidade surda no estado tem alcançado vitórias importantes ao longo dos anos. Destacamos suas principais conquistas em âmbito regional. De acordo com Almeida, (2003), logo que o Brasil deu início ao processo de criação e implementação de políticas públicas para a educação especial, o estado de Goiás buscou se destacar:

[...] em 1953, criou-se a primeira escola estadual especial por meio da Lei nº 926: o Instituto Pestalozzi de Goiânia (IPG), inaugurado em 1955, com o objetivo de atender aos alunos com deficiência mental e auditiva. Após uma década, entre 1960 e 1970, instituições particulares de cunho filantrópico e de caráter assistencial são implantadas no Estado de Goiás: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e Sociedade Pestalozzi (Almeida, 2003, p. 17).

Mediante essa proposta, em virtude das reivindicações de pais e amigos dos então denominados excepcionais, a comunidade surda também começou a se organizar em prol de uma educação que pudesse atender às especificidades relativas à surdez. Nesse sentido, sob a liderança da Associação dos surdos de Goiânia e em parceria com diversas outras Instituições, promoveram manifestações em especial em prol de uma educação bilíngue.

No ano de 1980, fruto da luta de muitos educadores e a comunidade surda, foi fundada em Goiânia - Go a - Escola Estadual Especial Maria Luzia de Oliveira - especializada no atendimento do aluno surdo. Essa escola passou a ser referência na valorização da identidade, cultura e educação de surdos nesse período em Goiás.

É importante ressaltar que Libras já é reconhecida no estado de Goiás por meio da lei 12.081 de 30 de agosto de 1993.

Art. 1º - Fica reconhecida oficialmente, pelo Estado de Goiás, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente (Goiás, 1993).

Após a fundação da Associação dos surdos de Goiânia em 1975, cujo processo histórico será tratado no próximo capítulo, houve uma grande movimentação da comunidade surda em Goiás, lembrando novamente o conceito apresentado por Padden (1993) de comunidade surda, que é composta por “surdos e ouvintes”.

Como a proposta de educação inclusiva em Goiás teve início a partir de 1999, os surdos passaram a frequentar a escola, levando o governo do estado a implantar políticas públicas para viabilizar a acessibilidade e permanência desses alunos na escola. Desse modo, a secretaria estadual de educação começou a contratar profissionais intérpretes para atuarem junto a professores regentes em sala de aula.

No entanto, naquele período, observou-se que era necessária a capacitação de mais profissionais devido à grande demanda de surdos nas escolas; e assim, a associação de surdos passou a oferecer cursos de Libras a comunidade visando a capacitação de mais profissionais.

Em 16 de abril de 1987 foi fundado em Goiás a primeira escola de formação de intérprete o – o Sistema Educacional Chaplin - que tinha sobre seu comando o professor Edson Franco (surdo) e fundador da associação dos surdos de Goiânia. A escola Chaplin tornou-se referência na formação de profissionais intérpretes em Goiás.

No ano de 2005 foi fundado o - Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS/Goiânia), especializado em atendimento na área de surdez, resultado de uma parceria entre Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Estado de Educação de Goiás (Seduc). Esse centro foi instituído com o principal objetivo de formar professores(as) tradutores (as) intérpretes de Libras, professores (as) de Atendimento Educacional Especializado além de se mostrar um grande articulador de ações socioeducacionais com foco na relação pessoa surda, escola, família e sociedade.

No Ano de 2008 foi criado pela Universidade Federal de Goiás o curso de graduação em Letras/Libras dando prioridade aos surdos, possibilitando sua capacitação para o mercado de trabalho, sobretudo no campo educacional.

No estado de Goiás, em parceria com outras instituições, a comunidade surda viabilizou uma movimentação em torno da proposta de uma educação bilíngue, promovendo a discussão entre os profissionais da área, professores, intérpretes e ativistas surdos representantes de diversos órgãos, entre eles o MEC.

No dia 30 de setembro de 2013 a associação dos surdos de Goiânia convocou representantes de diversas instituições de educação para discutir a criação do primeiro fórum Estadual em defesa de escolas bilíngue, que contou com a participação de ativistas surdos de todo o país. Diante do grande sucesso do evento a organização realizou um segundo encontro para a discussão das pautas.

O - II Seminário em Defesa da Educação Bilíngue - foi realizado nos dias 30 e 31 de maio de 2017. Por meio desse evento houve uma ampla discussão em torno da perspectiva de implementação de escolas bilíngues, sob o lema: “Nada sobre nós sem nós”, ressaltando a importância da participação da pessoa surdo em todo o processo de discussão em torno de escolas bilíngues.

O - III Seminário de Educação Bilíngue de surdos de Goiânia - foi realizado nos dias 17 a 19 de setembro de 2019 com o tema “Políticas Públicas para a Promoção da Educação de Surdos e Criação das Escolas Bilíngues” e reuniu educadores de toda a regiões do Centro Oeste, com o intuito de discutir a criação de escolas bilíngues.

O - IV Seminário de Educação Bilíngue de surdos de Goiânia - ocorreu de 13 a 16 de setembro de 2021. O evento objetiva capacitar os educadores por meio de palestras e trocas de experiências, possibilitando uma maior discussão e reflexão acerca da educação bilíngue de surdos, língua de sinais, cultura e identidade surda

O - V Seminário de Educação Bilíngue de Surdos - foi realizado nos dias 4 e 5 de outubro de 2023 com o tema “A escola de surdos que queremos: desafios e perspectivas da educação bilíngue”. Esse evento foi realizado pelo Fórum Goiano em Defesa da Educação Bilíngue Libras / Português Escrito, com a participação de parceiros, Secretaria de Educação de Goiás (SEDUC), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Instituto Federal de Goiás (IFG), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Associação dos Surdos de Goiânia (ASG), Associação das Mulheres Deficientes Auditivas e Surdas de Goiás (AMDASGO) e outros.

A promoção desses seminários foi fundamental para o fortalecimento de luta da comunidade surda para o aprimoramento da proposta de educação bilíngue em Goiás. Tais eventos, que são realizados a cada dois anos em Goiás, são reconhecidos como momentos de discussões de caráter político que torna possível o encontro de ativistas surdos e ouvintes a fim de reivindicar e fortalecer a luta por uma educação bilíngue que de fato atenda às necessidades e especificidade do surdo.

Percebemos a partir das reflexões empreendidas neste capítulo a importância dos movimentos sociais na promoção de transformação da sociedade. Ao longo da história, os movimentos sociais e nesse caso em específico, o movimento surdo tem se mostrado fundamental na busca por mudanças significativas, promovendo avanços em diversas áreas, como direitos civis, igualdade de gênero, justiça econômica e ambiental, entre outros. Os movimentos sociais têm sido cruciais para a conquista e formulação de políticas públicas, na conscientização social e na mobilização coletiva. Esses movimentos não apenas mudaram leis e políticas, mas também transformam cultura e a percepção social. Eles desafiaram e redefiniram normas e valores, promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa.

Os movimentos surdos têm desempenhado um papel crucial na conquista de leis e políticas públicas que garantam reconhecimento Linguístico, tais movimentos são fundamentais para a valorização da cultura surda e assegura que a língua de sinais seja utilizada como língua de instrução nas escolas, isso permite que os estudantes surdos tenham acesso à educação em sua língua natural, facilitando a compreensão e a aprendizagem. Esses movimentos formados por indivíduos surdos e seus aliados têm lutado por reconhecimento, direitos linguísticos e inclusão educacional. Eles têm conquistado mudanças que impactam positivamente a vida das pessoas surdas.

Os movimentos surdos têm sido essenciais na formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a educação bilíngue. A educação bilíngue para surdos envolve o uso da língua de sinais como primeira língua e a língua do país como segunda língua, sendo está na modalidade escrita. Esse modelo educacional é vital para garantir que os alunos surdos tenham pleno acesso ao currículo escolar e possam desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas de forma eficaz.

Apesar de todas as conquistas e avanços ainda existem muitos desafios a serem enfrentados na implementação de uma educação bilíngue de qualidade para surdos, em especial, na implementação de escolas bilíngues para surdos. A falta de professores qualificados em Libras, a escassez de materiais didáticos adaptados e a resistência de algumas instituições educacionais são obstáculos que precisam ser superados.

Os movimentos surdos continuam a lutar por melhorias nesses aspectos, buscando garantir que todos os estudantes surdos tenham acesso a uma educação bilíngue em escolas bilíngues. De acordo com o aluno surdo mencionado no início desse capítulo - "A escola que temos não é a escola que queremos".

Portando, analisaremos no próximo capítulo – a implementação de escola bilíngue em Goiás: Avanços e desafios com base em análise de dados coletados no Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia.

#### **4.0 IMPLEMENTAÇÃO DE ESCOLA BILÍNGUE EM GOIÁS: AVANÇOS E DESAFIOS.**

Fala com as mãos e escuta com o coração.

(Edna Misseno Pires)

Conforme a epígrafe escolhida para este último capítulo, há momentos em que a escuta precisa advir do coração.

Para entendermos a importância da luta dos surdos em prol de uma educação bilíngue, faz-se necessário transpor o conhecimento dos livros e das teorias, temos que entendê-los com a escuta do coração. Reis (p.21) chama esse ato de alteridade, que vai além da empatia porque não se restringe colocar-se no lugar do outro, vai além, envolve entender que o “meu eu, só existe em função do outro”, ou seja, sentir a dor do outro. Esse sentimento de alteridade faz-se pertinente a esse capítulo em que pontuamos os avanços e desafios na implementação na escola bilíngue em Goiás.

Para nós ouvintes (termo aqui utilizado aplica-se a pessoas não surdas) os desafios aqui apresentados podem parecer pequenos e fáceis de serem resolvidos, porque temos uma sociedade totalmente preparada para nos atender enquanto maioria, no entanto, para uma minoria tais desafios podem ser grandes barreiras que talvez não consigam rompê-las.

Neste capítulo primeiramente objetivamos dialogar sobre a implementação de escolas bilíngues para surdos nos diferentes estados brasileiros e seus respaldos legais.

Em seguida falaremos dos avanços e desafios na implementação da escola bilíngue em Goiás, apresentando como foco para essa discussão a fundação em 26 de setembro de 2022 do Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia, destacando sua historicidade como escola de referência na educação de surdo em Goiás. Por que nos atemos a essa escola? Por ser a primeira escola bilíngue para surdos a ser implementada em Goiás e por fim traremos as interpretações dos dados coletados durante a pesquisa pontuando os avanços e desafios por ela enfrentado.

Historicamente a educação de surdos passou por várias fases, desde a concepção oralista conforme abordado no capítulo dois deste trabalho, que enfatiza o uso da fala e a leitura labial,

até a abordagem bilíngue, que reconhece a Língua de Sinais como a primeira língua dos surdos (L1) e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita como a segunda língua (L2). A abordagem bilíngue ganhou força nas últimas décadas, sustentada por pesquisas que demonstram a importância do uso da Língua de Sinais na promoção do desenvolvimento integral dos surdos

A educação de surdos tem sido também um campo de constante debates ao longo das últimas décadas. No contexto histórico da educação de surdos, são considerados dois modelos que têm sido amplamente discutidos: a escola inclusiva e a escola bilíngue para surdos. É importante ressaltar que a escola bilíngue para surdos emerge no Brasil como uma abordagem inovadora e inclusiva, focada na promoção do bilinguismo e bi culturalidade.

#### **4.1 Escolas bilíngues no Brasil.**

A implementação de escolas bilíngues para surdos no Brasil é fundamental para o respeito e a valorização da identidade linguística e cultural da comunidade surda. No modelo bilíngue, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada como língua principal de instrução, enquanto o português é ensinado como segunda língua, em modalidade visual e escrita. Este modelo atende à legislação brasileira, conforme estabelecido na Lei nº 10.436/2002 e no Decreto nº 5.626/2005, que reconhecem a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda.

Nesse capítulo discutiremos a implementação das escolas bilíngues nos estados brasileiros pioneiros e os desafios para a expansão desse modelo em escala nacional.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 2020, há atualmente no Brasil 64 escolas bilíngues de surdos com 63.106 alunos surdos, surdo-cegos e com deficiência auditiva, no entanto, citaremos apenas as escolas pioneiras na implementação dessa proposta.

A primeira escola para surdos no Brasil foi fundada em 1857, no Rio de Janeiro; o Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). Embora fosse uma escola para surdo ainda não se adotava a proposta bilíngue visto que no mundo todo havia um forte movimento entorno do oralismo. O Instituto recebia alunos de várias partes do Brasil, que ao completarem 18 anos, retornavam às cidades de origem levando com eles a Língua brasileira de sinais - Libras. Somente em 1980 o Brasil adotou a proposta do bilinguismo, sendo essa a modalidade de educação adotada atualmente no INES. Somente depois dos estudos linguísticos desenvolvido

por Stockoe nos estados unidos que a língua de sinais obteve status de língua, desta forma intensificaram os estudos linguísticos que culminaram na mudança de abordagem educacional, surgindo assim o bilinguismo como possibilidade de educação de surdos no mundo todo,

O Rio Grande do Sul foi um dos primeiros estados a implementar escolas bilíngues para surdos, com salas de ensino onde a Libras é utilizada como língua de instrução e o português como segunda língua. Em 2012, algumas escolas públicas começaram a oferecer o ensino bilíngue, promovendo a inclusão linguística e cultural da comunidade surda. "O Rio Grande do Sul é um dos pioneiros no ensino bilíngue para surdos no Brasil, promovendo um ambiente educacional que valoriza a diversidade e a inclusão" (Lima & Souza, 2020, p. 50).

O Paraná iniciou a implementação do modelo bilíngue em algumas escolas públicas em 2016, seguindo diretrizes da Secretaria Estadual de Educação e expandindo o atendimento bilíngue em cidades como Curitiba. A iniciativa paranaense inclui salas específicas para alunos surdos, onde se promove o ensino em Libras e o aprendizado do português como segunda língua. Segundo Jesus 2016, p.94

A escola bilíngue para surdos, localizada em Curitiba, é a mais antiga instituição especializada na área, fundada em 1953, além de ser o único estabelecimento da rede pública de ensino a ofertar educação básica exclusivamente para surdos, no Paraná. Oferece Educação Bilíngue para 96 estudantes. Surdos matriculados na educação infantil (3), Ensino Fundamental (51), Ensino Médio (30) e Ensino Técnico (12). Jesus,2016, p.94

O Paraná tem adotado políticas regionais de inclusão que buscam oferecer uma formação bilíngue eficaz, apesar dos desafios com a formação contínua dos profissionais.

Em 2017, o Ceará iniciou a implementação do modelo bilíngue na capital, Fortaleza, e em outras cidades. Em parceria com associações de surdos, o governo cearense estabeleceu uma política de educação bilíngue que valoriza a Libras e o português como línguas de instrução. "O Ceará é pioneiro no Nordeste na implementação de escolas bilíngues, promovendo um ensino inclusivo e culturalmente adaptado para os alunos surdos" (Oliveira & Costa, 2018, p. 129)

São Paulo começou a adotar o ensino bilíngue em 2019 com um projeto-piloto na capital, que visa expandir o modelo para outras regiões do estado. Esse projeto oferece o ensino em Libras e o português como segunda língua, integrando tecnologias e recursos visuais para auxiliar o aprendizado dos alunos surdos. "A iniciativa de São Paulo tem sido significativa para a promoção da inclusão, proporcionando um ambiente educacional adaptado às necessidades da comunidade surda" (Oliveira, 2021, p. 77).

Minas Gerais passa a adotar o modelo de escola bilíngue para surdos, iniciando a implementação em 2020. Em Belo Horizonte, algumas escolas públicas começaram a oferecer ensino bilíngue com apoio pedagógico em Libras e português. "Minas Gerais tem dado passos importantes para consolidar o ensino bilíngue, embora ainda enfrente desafios relacionados à formação de profissionais e à criação de materiais didáticos específicos" (Quadros, 2017, p. 63).

#### **4.2 A Educação de surdos em Goiás.**

A história da educação dos surdos em Goiás tem início em 1957 com base na iniciativa do professor surdo Edson Gomes Franco ex-aluno do INES que ao retornar para Goiás começou a compartilhar o conhecimento de Libras com os demais surdos, iniciando como docente no Pestalozzi com crianças surdas, embora dentro da proposta oralista que era a tendência mundial.

Mas de acordo com a própria fala dele, *“mesmo tendo que utilizar o oralismo sempre teve como sonho uma escola só para surdos”*. Embora o professor Edson usasse o oralismo no Instituto Pestalozzi, começou a ensinar a libras aos demais surdos daquela época, resultando no projeto de fundar uma associação.

A Associação de Surdos de Goiânia (ASG) foi criada oficialmente em 1975, porém, sua história em relação a educação dos surdos antecede sua criação. Conforme Oliveira (2019), a educação dos surdos no estado de Goiás começa no ano de 1953, quando o Projeto de Lei, nº 926, cria a Associação Pestalozzi de Goiânia - APG, para auxiliar as pessoas com deficiência. Entretanto a Associação foi oficialmente aberta no ano de 1955, sendo a única instituição a atender pessoas com deficiência, em Goiânia até a década de 1970 (Oliveira, 2019), foi o marco inicial para a educação da comunidade surda e com deficiência auditiva no estado de Goiás.

Todavia, a comunidade surda de Goiânia demandava por uma instituição que atendesse as especificidades de sua comunidade, surgiu assim o interesse pela criação de uma associação de surdos nesta capital. O projeto de criação da ASG iniciou-se por volta de 1967, com o apoio da Associação de Surdos do Rio de Janeiro – ASRJ.

A partir de 22 de outubro de 1968, em caráter experimental, a ASG começou a funcionar na capital do estado, promovendo inicialmente a prática de esportes junto à comunidade surda (Oliveira, 2019), ganhando notoriedade perante as Associações de Surdos de todo o Brasil em seus primeiros anos de existência.

Atendendo a necessidade de um espaço que possibilitasse a realização das atividades da ASG, em 1981, uma sala comercial foi alugada no Setor dos Funcionários, em Goiânia, posteriormente em 1984, uma nova mudança foi realizada para o Setor Bueno. Apenas em 1987, a partir do diálogo junto à Dona Lídia Quinam, então Primeira-Dama do Estado de Goiás, o Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo – CADA, foi construído na 9ª Avenida do Setor Vila Nova – Goiânia, com isso, a ASG instalou-se no CADA, desenvolvendo trabalhos de apoio aos deficientes auditivos de Goiânia.

Contudo, seus membros a muito ansiavam uma sede própria, então, em 1989, houve a doação de um terreno à ASG, sendo enfim construída no Bairro Oswaldo Rosa, na cidade de Goiânia e regularizada em 23 de março de 1990, ocasião que em memória de seu pai, Maria Cristina Craveiro Campos, dona do terreno cedido e filha de Elysio Campos, conhecido por fazer caridades em Goiânia, entrega a escritura à Associação. Posteriormente houve autorização da Prefeitura para uso da área vizinha (Chácara V) e a doação das chácaras III e IV pelo Governo do Estado de Goiás.

A partir da década de 1990, houve uma nova etapa na história da ASG, agora instalados em sede própria, os membros da associação, criaram o Centro Especial Elysio Campos, celebrando convênios com a Secretaria do Estado de Educação – SEDUC, o Fundo Municipal de Assistência Social - FMAS, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação e Cultura – FNDE/MEC e outros órgãos públicos e privados.

Em 1992, surgiu o Centro Especial Elysio Campos, como parte integrante da Associação.

No ano de 2002, tem início a primeira turma da segunda etapa do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA para surdos adultos, e que ocorria no período noturno. Em 2003, tem início a oferta do Ensino Médio, sendo que em 2004, a partir de uma ampliação do convênio entre a ASG e a Seduc, inicia-se a primeira turma do Ensino Médio, também na modalidade EJA.

### **4.3 Resultados e discussões:**

O campo da pesquisa foi o Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia, localizado na Rua 801, Chácara VI, S/N - Oswaldo Rosa, Goiânia - GO, 74633-200 tendo até o momento 09 salas de aula, sendo 02 salas temáticas, 01 sala de produção de materiais, 01 biblioteca, 01 sala de dança e uma quadra de esporte. A escola tem 50 alunos matriculados e todos surdos, 11

professores ouvintes, 9 surdos e 3 intérpretes de língua de sinais. (informação fornecida pela coordenação pedagógica).

A escolha se deu pelo fato de ser a primeira escola de modalidade bilingue de surdos a ser implementada no estado de Goiás, sendo inaugurada em 26 de setembro de 2022.

A questão problema da pesquisa se deu diante dos avanços e desafios enfrentados pelo Centro Educacional Bilíngue de surdos de Goiânia.

Para o desvelo dos dados coletados, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2016) que se organiza em torno de três polos cronológicos sendo o primeiro a pré análise, o segundo a exploração do material e o terceiro polo o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Inicialmente precedeu à criação do perfil dos entrevistados: Profissionais e alunos atuantes no Centro Educacional Bilingue de Surdos de Goiânia. As entrevistas ocorreram entre os meses de maio e agosto de 2024.

O grupo entrevistado foi formado pelo grupo gestor: Direção e coordenação, um intérprete, três docentes: Um professor surdo, um ouvinte, um professor de AEE, um discente surdo que já estivesse por mais tempo na escola e por fim um militante surdo que trouxe libras para Goiás e foi um dos fundadores da associação de surdos de Goiânia.

**Quadro 4** – Participantes da pesquisa, formação, função e tempo de atuação junto à comunidade surda.

Pseudônimo	Formação	Função	Tempo de atuação
P 1	Educação física	Direção	6 Anos
P2	Pedagogia	Coordenação	7 anos
P3	Pedagogia	Intérprete	Filho de surdo
P4	Pedagogia	Professora ouvinte	17 anos
P5	Letras/Libras Pedagogia Bilíngue	Professora surda	Desde os 5 anos
P6	Letras - Português/Inglês	Professora AEE	17 anos
P7	Estudante	Aluno	Surdo
P8	Ensino Médio	Professor	Surdo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir das entrevistas.

Na pré análise as entrevistas foram ouvidas várias vezes e cuidadosamente organizadas e transcritas, respeitando todos os detalhes das falas dos participantes que, para Boni e Quaresma (2005, p. 78): Uma transcrição de uma entrevista não é um ato mecânico de transcrever para o papel o discurso gravado do participante. O pesquisador precisa de sensibilidade afim de captar dos entrevistados as entrelinhas existentes nos silêncios, nos gestos, nos risos e entonação de voz do participante durante a entrevista. Esses “sentimentos” que não são claramente captados pelo gravador e vídeos e que são de suma relevância na hora de interpretar os dados coletados. O pesquisador tem o dever de ser fiel, ter fidelidade quando transcrever tudo o que o entrevistado falou e sentiu durante a entrevista.

Os conteúdos resultantes da interpretação das entrevistas têm três blocos de reflexão (codificação) com algumas categorias de análise: 1 - Implementação da escola bilíngue (movimento da comunidade surda) 2 - Perfil da Escola Bilíngue, (com Identidade da escola Bilíngue, fluência da língua Brasileira de Sinais - libras) 3 - Participação dos Surdos. (liderança surda e família). A seguir pontuaremos os desafios e avanços identificado em cada uma delas.

#### **4.3.1 Implementação da Escola Bilíngue.**

A implementação da primeira escola bilíngue para surdos no estado de Goiás representa um avanço significativo na garantia do direito à educação de qualidade para a comunidade surda.

A educação na modalidade bilíngue tem como princípio fundamental a valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), como L1 e o português escrito como L2, garantindo o desenvolvimento linguístico, cultural e social do sujeito surdo.

Um marco importante nesse contexto é a Lei 14.191, de 3 de agosto de 2021, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e introduziu a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino. Essa lei reforça a necessidade de escolas bilíngues específicas para surdos, promovendo práticas pedagógicas que respeitem a singularidade linguística.

Em Goiás, a iniciativas do Centro Educacional Bilíngue de Surdos implementada no ano 2022 contribui para consolidar um modelo educacional que integra a Libras no currículo escolar. Contudo, há avanços e desafios a serem enfrentados. Sendo os movimentos surdos de suma importância no enfrentamento desses desafios e nos seus avanços.

#### **4.3.2 Movimento da Comunidade surda.**

A história da luta da comunidade surda no Brasil é marcada por um longo período em que os ouvintes falavam em nome das pessoas surdas, silenciando suas vozes e reduzindo sua autonomia. No entanto, nas últimas décadas, os surdos têm se organizado para reivindicar seu lugar de fala e conquistar direitos fundamentais, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento de sua língua, cultura e educação.

Os movimentos da comunidade surda no Brasil têm sido responsáveis pelas inúmeras conquistas em especial no âmbito legal. No que se refere a implementação da primeira escola bilíngue em Goiás a influência dos movimentos da comunidade surda foi evidenciada na pesquisa realizada.

Sendo o tema movimento da comunidade surda o mais citado. Embora nessa temática seja observado grandes avanços em âmbito legal com o reconhecimento da língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação da comunidade surda no Brasil mediante a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 e a lei 14.191 de 3 de agosto de 2021, resultando na implementação da primeira escola Bilíngue de surdos em Goiás em 26 de setembro de 2022.

Nesta categoria as duas primeiras questões da entrevista realizada são relacionadas aos momentos que antecederam a implementação oficial da escola bilíngue. A primeira questão aponta para o período de surgimento da proposta de escola bilíngue e a segunda, refere-se à formação de grupos de discussão para sua implementação.

Foi mencionado de forma unânime pelos entrevistados que a escola bilíngue tem sido uma discussão antiga da comunidade surda, mas que ainda no que se refere a falta visibilidade da luta da comunidade surda em prol de uma escola de modalidade bilíngue em Goiás, continua sendo um desafio enfrentado, conforme evidenciado na fala dos entrevistados.

*P1 - “[...] E desde 2011, mais ou menos, 2010, já tinha esse movimento de discussão, né, de se tornar uma escola bilíngue”*

*P3 - “[...] eu era pequenininho, mas me lembro do Pestalozzi que hoje é o florescer né, então eu falo que essa proposta já existia não surge de agora”*

*P5 - “[...] não sei dizer ao certo, mas essa é uma luta antiga da comunidade surda.”*

*P6 - “[...] É uma luta antiga da comunidade surda”,*

*P7 - “[...] surdo sempre lutou escola bilíngue.”*

*P8 - “Desde fundação da associação dos surdos em Goiânia em 1975, o objetivo foi ter uma escola bilíngue”*

Desde do ano de 2011 foi formando no então Centro Especial Elysis Campos e atualmente Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia um grupo de professores que passaram a conhecer escolas bilíngues de diferentes estados afim de trazer suas experiências para discussão. (informação dada pelo grupo gestor).

De acordo com a autora surda, Campello (2014, pg.73), "A história em defesa das nossas escolas específicas vem de tempos longínquos." De fato, essa luta da comunidade surda em prol de uma escola bilíngue não é recente.

As autoras Pires e Santos (2020, p.54) também compartilham do mesmo pensamento de Campello e de muitos outros autores da área da surdez. Ao citar: “sobre a educação de surdos, a tendência no Brasil na década de 1980, sinalizava para a educação voltada para o Bilinguismo”

Desde a década de 1980 no Brasil a luta em prol de uma educação de modalidade bilíngue tem sido tema de reivindicação da comunidade surda. Embora se tenha conquistado o amparo legal, ainda se tem grandes dificuldades de reconhecimento por parte das autoridades das especificidades da escola.

Nessa categoria a partir das falas dos entrevistados verificamos que há um desafio relativo à falta de visibilidade da luta da comunidade surda em prol de uma escola de modalidade bilíngue em Goiás.

Como sendo um avanço as conquistas legais a lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que reconhece a Língua de Sinais e o decreto 56.26, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a lei.

*P2 - “[...] depois da lei e do Decreto né, tudo mudou”*

*P3 - “[...] tivemos em 2002 conquista da lei 10.436 e 2005 o decreto que disponha alguns alguma as etapas para que se cumpra essa lei né”*

No que se refere a falta de visibilidade da luta da comunidade surdo no que tange a proposta de escolas bilíngues sugerimos maiores movimentos junto as mídias para que a sociedade goiana venha a conhecer essa luta também no estado de Goiás.

No que se refere a criação de um grupo de discussão para a implementação da escola, foi constatado que houve a formação de um grupo, evidências encontradas nas falas P1 - “[organizou um grupo de professores”, P4 - “houve um grupo de professores em 2011”, então percebemos que foi formado um grupo para discutir a implementação da escola. Porém, nem todos da escola participaram, conforme as falas do P4 - “[...] Se houve eu não participei” e P5 - “[...] eu não participei”, P3 - “[...] foi muito isoladamente”.

A existência de um grupo de discussão é de extrema importância, visto que uma educação de modalidade bilíngue para surdos requer uma escola que possua características específica, tendo, portanto, um perfil diferente das escolas regulares inclusiva.

#### 4.3.3 Perfil da Escola Bilíngue

Apresentamos mediante essa categoria, questões relacionadas aos avanços e desafios na implementação do Centro Educacional Bilíngue de surdos de Goiânia, bem como questões suscitadas após implementação ocorrida em 26 de setembro de 2022. Sendo o perfil de uma escola bilíngue ainda não compreendida pelas diferentes esferas sociais, em especial a educacional, conforme expresso pela gestão [...],” *a gente sempre existiu dentro da Secretaria de Educação, dentro do universo das escolas especiais, mas a gente não seguia um formato nem mesmo curricular e nem de organização como as escolas especiais. Mas, também, não cabíamos dentro dos parâmetros e dos padrões das escolas regulares, né, ditas, né, regulares. Então, o que que acontece? Qual que é o nosso desafio? A nossa caixinha, ela é única, né. Então, não tinha um modelo, né, de escola bilíngue, porque sempre tentava encaixar dentro de uma caixa ou de outra, ou dentro dos centros especiais ou dentro das escolas regulares comuns.*”

Podendo esse entendimento ocorrer por meio de chamamento do grupo gestor das autoridades envolvidas a se aproximarem da realidade da escola, afim de conhecerem o perfil diferenciado de uma escola mediante a essa nova proposta de escola bilíngues em goiás.

#### 4.3.4 Identidade da escola bilíngue

No que se refere a Identidade da escola bilíngue, ficou fortemente evidenciado como sendo um desafio durante e após o processo de implementação em virtude da falta de compreensão dos órgãos competentes, do perfil e identidade de uma escola bilíngue de surdos. Essa dificuldade apareceu na fala de 03 participantes:

*P1 - “[...] mostrar para a Secretaria de Educação o perfil da escola, o que é a escola, a identidade dela, a real identidade da escola”*

*P1 - “[...] A gente segue a BNCC, mas tem as nossas adequações enquanto a língua, né, onde a gente tem a disciplina de cultura surda e a Libras, né, pra além de todo o ensino ser em Libras como primeira língua, mas tem também essa questão curricular que não tem nas outras unidades”*

*P3 - “[...]discussão ocorreu muito de forma isolada não houve uma parceria entre as instituições”*

*P3 - {...} O discurso da inclusão ainda é muito forte né, falta uma compreensão de escolas bilíngues são diferentes”*

*P4 - “acho que o desafio maior é a questão da falta de políticas nessa área e o próprio entendimento do que seria essa proposta né junto a Secretaria de educação.”*

*P4 - [...]” à Secretaria, assim, está muito voltado para a escola regular né, as normas, nós não temos um currículo próprio, não tem uma matriz, não tem um currículo, por exemplo, o que eu questiono sempre aqui é que nossos alunos, eles têm poucas aulas de libras, é a língua materna deles. Tirou também a disciplina de cultura surda deles, foi retirado da matriz e colocaram muito modelo das escolas regulares.”*

É importante ressaltar que uma escola, cuja a modalidade é o bilinguismo para surdos, com características próprias, já vem sendo apontada por diferentes autores de que há a necessidade de reconhecer suas especificidades.

Entre essas especificidades encontra-se um currículo que incluía a língua de sinais, os valores e a cultura surda, o que em uma escola regular não são evidenciados.

Portanto, uma escola bilíngue não pode ser tratada como se estivesse dentro dos mesmos moldes de uma escola regular ou inclusiva. Slomski (2010 p.107) apresenta algumas especificidades da comunidade surda que precisam ser compreendidas que “uma identidade própria de surdo para poder formar uma identidade grupal e, assim, criar uma comunidade surda, resguardando seus valores e sua cultura”.

Conforme salientado por Slomski (2010), uma escola bilíngue deve ressaltar os valores, identidade e cultura surda. Para isso é necessário ter flexibilidade curricular para atender suas especificidades, o que deve ser compreendido pelos órgãos competentes.

De acordo com Souza e Feitosa (2019 p.288), há uma grande diferença entre a escola bilíngue e a escola regular.

[...] “a escola bilíngue tem como uma de suas características a pedagogia da diferença, onde os professores utilizam às práticas pedagógicas na disciplina de LIBRAS: história dos surdos, cultura, língua escrita em sinais, classificador, narrativa de poesia, identidades surdas, entre outros assuntos, associando-os ao mundo de surdos” Souza e Feitosa (2019, p288)

Diante dessas particularidades, entende-se a necessidade de um olhar diferenciado no que se refere ao perfil e identidade de uma escola de modalidade bilíngue. Fernandes e Rios salienta a necessidade de aceitar essas particularidades na proposta de uma escola bilíngue.

[...] educação com bilinguismo exige aceitarmos, em princípio, que o surdo é portador de características culturais próprias. Aceitarmos esta realidade sem preconceitos é o mesmo que aceitarmos que um baiano tem traços culturais diferentes dos de um carioca e, este, diferentes de um catarinense, por exemplo, sem deixarmos, todos, de sermos brasileiros, (Fernandez, Rios, 1998, p. 18).

Conforme apresentado pelos autores citados, a escola bilíngue tem as suas especificidades, mediante a fala dos entrevistados foi apontado como um grande desafio a falta de compreensão e reconhecimento dos órgãos competentes em relação a essas diferenças, afim de fornecer a escola o suporte necessário.

Embora esse seja um desafio a ser enfrentado é percebido um certo avanço nesse aspecto com a criação do fórum goiano de educação bilíngue, no qual convocou representantes políticos e surdos, a discussão desse avanço apareceu na fala de 03 participantes.

*P3 - “[...] foi criado um fórum para discutir a educação bilíngue aqui no estado de Goiás, aí já aconteceram a primeira, lá que foi promovido pela associação, nós já estamos no quarto né e isso é muito legal”*

*P6 – “[...] eles participaram daquele fórum de educação bilíngue que teve vários representantes aqui da escola eu particularmente não participei desse fórum”*

*P8 - [...] Também já participei e fui homenageado no fórum goiano de educação bilíngue que luta pela escola bilíngue em Goiás, também tinha várias autoridades de goiás presente”*

Além da criação de um Fórum de discussão que tem se mostrado positivo no que se refere a levar a compreensão do que de fato é o perfil de uma escola de modalidade bilíngue, outros eventos poderiam ser articulados junto a SEDUC e outros órgãos e Instituições afim de ampliar essa divulgação.

Constatamos nesta categoria que além do desafio enfrentado pelo Centro Educacional Bilíngue de Goiânia no que tange a falta de compreensão dos órgãos competentes, do perfil e identidade de uma escola bilíngue de surdos, a percepção de dois significativos desafios: O quantitativo reduzido de alunos e a localização da escola. Desafios estes percebido na fala de 6 dos 8 participantes.

*P1 - “[...], mas essa questão do quantitativo de aluno também, tem um por quê muitas vezes, as famílias não têm acesso ao conhecimento dessa escola, ou não sabem que ela existe, ou quando sabem, não sabem realmente como que ela funciona, né, como que é o trabalho.*

*P2 - “[...] antes tínhamos uma quantidade maior de alunos, mas como escola regulares são escolas mais centralizada e nós temos alunos que moram muito longe e às vezes foram para próximo de casa*

*P3 - “[...] escola não funciona à noite antes tinha uma parte mista, mas devido a um número muito pequeno e pela distância muitos alunos acabou deixando e foi deixando, muitos deixaram por causa da distância Pelo fato de ela não ser uma escola mais centralizada”*

*P3 - “[...] A conquistam de um ponto de ônibus que desde os anos 90 tem sido reivindicado e em 26 de setembro de 2002 foi inaugurando um ponto em frente à escola*

*P4 - “[...] um outro desafio é a localização, a maioria dos nossos alunos são de setores muito longe até de cidades a minha aluna por exemplo ela sai de casa 4 horas da manhã para estar aqui a 7h. mesmo com ponto de ônibus aí não ajudou muito não. A Procura é mínima por exemplo hoje no terceiro aninho que eu estou lecionando tem um aluno e no terceiro e quinto só 4.*

*P5 - “[...] Número reduzido de alunos, “alunos moram longe e fica difícil para os pais trazerem se fosse uma escola centralizada teríamos um número maior de aluno”*

Ficando também evidenciado que essa possível redução no quantitativo de alunos pode estar relacionada ao fato da escola não ser centralizada, mas observamos também um avanço concernente a questão da não centralização da escola, com a implantação de um ponto de ônibus na porta da escola esse avanço aparece nas falas dos P3 - “A conquistam de um ponto de ônibus” e P4 - “com ponto de ônibus aí”.

No que tange ao número reduzido de alunos e a falta de avanços, pensamos que talvez uma maior divulgação junto as diferentes mídias pudessem ajudar em uma maior procura pelos familiares de surdos.

No que se refere a localização apesar de se ter conquistado um ponto de ônibus enfrente a escola, sugerimos uma localização mais centralizada.

Ainda nessa categoria abordaremos um questionamento não previsto anteriormente na elaboração das perguntas de entrevista, no entanto, mostrou-se necessário diante da constatação de que há uma resolução de que o Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia não efetua matrícula de alunos ouvintes. Conforme expresso na fala do P1- “a gente não tem nem autorização para receber alunos ouvintes na nossa resolução, na resolução do conselho, nós só somos aptos a atender alunos com laudo de surdez ou deficiência aditiva.” Diante disso, surgiu então a necessidade de buscarmos a percepção dos profissionais e alunos da instituição a seguinte questão: Sendo uma escola só para surdo ela não se torna segregativa? Trouxemos então as falas dos participantes a essa questão.

*P1 - “[...] quando o surdo é inserido em um espaço em que ofereça a ele autonomia, que é um espaço que prioriza a língua dele, ele consegue ir muito mais longe do que quando ele é posto em um espaço que quer encaixar uma comunicação que não é dele. Se o espaço lhe oferece a possibilidade de autonomia e desenvolvimento não é segregativo “*

*P2 - “[...] o aluno entra aqui sabendo pouquinho e sai daqui sinalizando, nossa! As mães ficam...!”*

*P3- “[...] se segregar é fornecer autonomia, desenvolvimento, então a escola bilíngue é segregativa”.*

*P4 - “[...] Nossa! De jeito nenhum! O que vemos no desenvolvimento dos surdos”.*

*P5 - “[...] pelo contrário a convivência de surdos com surdos traz a eles desenvolvimento e autonomia e isso não é segregação.*

*P6 - “[...] É claro que a escola bilíngue tem muitos desafios a superar, mas o desenvolvimento que presencio dos estudantes dentro dessa escola é indiscutível. Inclusive estudantes surdos que já estudaram comigo na escola regular, quando vêm para a escola bilíngue, apresentam um salto no desenvolvimento cognitivo e linguístico incomparável. Se eu tivesse um filho surdo, sem dúvidas, colocaria em uma escola bilíngue*

*P7 - “[...] aqui eu tenho colegas para conversar”*

A segregação educacional, na percepção de alguns autores ocorre quando há a separação de estudantes em espaços distintos, muitas vezes com base em características como deficiências, crenças ou etnia, resultando em uma exclusão do convívio social, causando uma limitação no acesso a uma educação inclusiva e equitativa. De acordo com Sasaki (1997, p. 45), a segregação ocorre quando "as pessoas com deficiência são colocadas em instituições ou classes separadas, afastadas da convivência e interação com as demais, perpetuando o isolamento social". Essa prática, ainda que tenha sido historicamente utilizada como uma forma de atendimento especializado, é amplamente criticada por contrariar os princípios de inclusão e igualdade de oportunidades.

No entanto, de acordo com as falas dos entrevistados uma escola de modalidade bilíngue para surdos não se encaixa em uma percepção segregativa, pois, ela fornece ao aluno surdo um espaço linguístico que possibilita o seu desenvolvimento, linguístico, cultural e autonomia necessário no exercício de sua cidadania.

#### **4.3.5 Falta de fluência da Língua Brasileira de Sinais.**

A falta de fluência na língua brasileira de sinais pelos alunos surdos, bem como a falta de fluência de alguns professores ouvintes foi um outro desafio identificado durante essa pesquisa, aparecendo na fala de 07 dos 08 entrevistados.

*P1 - “[...] ainda existia um número grande de profissionais, de professores em específico que não sabia a língua de sinais, né, gente ainda tem os profissionais intérpretes”*

*P2 - “[...] eles não têm a fluência em libras ou às vezes são só sinais Caseiros”*

*P3 - “[...]” lembro da Renatinha que chegou aqui sem saber nada de sinais”*

*P4 - “[...] equipe de intérprete dá esse apoio, mas os professores ouvintes e muitos alunos surdos que tem domínio da língua são pouco.”*

*P5 - “[...] meu maior desafio enquanto professora é a falta de domínio do aluno surdo de sua própria língua, mas eu uso a libras e não mímica nas minhas aulas.*

*P6 - “[...] Muitos estudantes chegam à escola usando gestos e sinais caseiros, sem domínio mínimo da Libras”*

*P8 - “[...] começo surdo sabia nada libras, hoje melhor, mas muitos surdos não sabem, família não quer”.*

A falta de fluência em libras por parte dos alunos mostra ser um desafio, visto que muitos alunos surdos chegam no ensino fundamental e médio sem o devido conhecimento da língua, trazendo grandes prejuízos para seu desenvolvimento e bom desempenho acadêmico, além de dificuldades no trabalho pedagógico do professor. Essa importância da língua no desenvolvimento do surdo é compartilhado por Strobel (2018, p.53).

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (Strobel, 2018, p. 53).

A defesa da fluência da língua no que se refere aos surdos como pilar para construções cognitivas, comunicacionais e de acesso à informação é compartilhado por diversos autores.

As autoras Perlin e Miranda (2011), também ressaltam a importância da fluência da língua para o surdo ao citar que:

“O surdo, em primeiro lugar, tem de saber sua língua, sua cultura e também aprender o mesmo que o ouvinte aprende, para poder interagir com ele. Digamos que o surdo nunca vai viver num gueto, como preconizam, mas que vai interagir continuamente no campo ouvinte. (Perlin; Miranda, 2011, p. 109).

O domínio de sua própria língua é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno surdo, tornando-se um desafio a ser enfrentado pelos docentes conforme identificado durante essa pesquisa, além da falta de domínio ou fluência da língua pelos alunos surdos, foi mencionando também o desafio de ter professores bilíngues fluentes conforme expresso pelo grupo gestor:

*P1 - “[...] então assim, um dos maiores desafios também foi manter que essa equipe seja bilíngue.*

*P4 - “[...]Um outro desafio também é os profissionais, a gente manter os profissionais qualificados na instituição, então, assim muito contrato terminava o contrato e muitas das vezes já com formação, mas tinham que sair”*

*P5 - “[...] outro desafio; os ouvintes terem fluência em libras, eles têm curso mais não são fluentes.”*

*P6 - “[...] os professores ouvintes precisam buscar continuamente melhorar a fluência, visto que, não há a presença de intérpretes em sala de aula”.*

Esse desafio apresentado no Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia se torna relevante por ser um requisito legal para uma proposta de educação bilíngue conforme expresso no Decreto nº 5.626/2005, no Art. 14, parágrafo 1º, inciso III, onde destaca que tais instituições escolares devem ter em seu quadro funcional, instrutor de Libras, intérpretes de Libras, professores bilíngues (BRASIL, 2005).

Embora seja um desafio, constatamos também durante a pesquisa realizados avanços no que tange a aquisição da língua tanto pelo aluno quanto pelo professor em decorrência da proposta de uma escola bilíngue conforme Sá (2011, p.17)

*‘A escola bilíngue específica para surdos, tem seu valor ampliado pelo fato de que é o único tipo de escola que mais adequadamente pode configurar-se como um ambiente linguístico natural favorável à aquisição da língua de sinais em idade precoce [...] os surdos, bem como os estudiosos que defendem a escola específica para surdos, não querem a criação de guetos; querem a criação de espaços garantidos para que o surdo se torne mais rapidamente uma pessoa “bilíngue”, e, para tanto, precisa de um ambiente linguístico natural para a aquisição de sua primeira língua, a partir do qual terá condições de desenvolver sua consciência metalinguística, ampliando as possibilidades de aprendizagem da segunda língua’.*

A Escola bilíngue conforme salientado pela autora teria justamente o papel de fornecer a esses alunos e aos docentes um ambiente linguístico que a autora chama de “natural e favorável” para a aquisição de sua língua e classificamos isso como avanço do Centro

Educacional bilíngue de Surdos de Goiânia quando identificamos na fala de 04 entrevistados o cumprimento desse objetivo.

*P2 - “alunos que chegaram aqui sem libras nenhuma, agora está desenvolvendo e comunicando e se expressando em libras e escrevendo e sinalizando mostrando o sinal é eu falo muito que às vezes eles querem contar fofoca né e eles contam a fofoca perfeita eu olho assim falo meu Deus para quem chegou aqui todo tímido sem nenhuma sinalização né e agora tá sinalizando”*

*P3 - “[...] a importância da aproximação entre seus pares que proporciona o crescimento não só linguístico, mas de aprendizagem alfabetização de socialização, Independência, autonomia”*

*P5 - “[...] eu vejo como um maior avanço é o próprio desenvolvimento do aluno, alguns chegam aqui sem saber nada, nem a libras e o contato com outros surdos, Ah! Isso é muito importante pra eles”.*

*P6 – “[...], mas o desenvolvimento que presencio dos estudantes dentro dessa escola é indiscutível. Inclusive estudantes surdos que já estudaram comigo na escola regular, quando vêm para a escola bilíngue, apresentam um salto no desenvolvimento cognitivo e linguístico incomparável as famílias passam anos tentando fazer o filho oralizar e aprender o português escrito”*

*P7 – “[...] escola bilíngue, colegas libras bom eu aprendi mais sinal”*

Nessa categoria foi constatado mediante as falas dos entrevistados o desafio enfrentado pela falta de fluência na língua de sinais pelos alunos surdos e professores ouvintes. No entanto, constatou-se um avanço na aquisição da fluência da língua de sinais, tanto, pelos alunos surdos quanto pelos professores ao se proporcionar um ambiente linguístico e a convivência com seus pares, o que talvez não fosse possível em uma escola regular. Sendo este um grande avanço proporcionado pela implementação do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia.

Dentro do desafio apresentado, compreendemos que seria de grande ajuda em especial no que se refere a falta de fluência do corpo docente à oferta de curso de capacitação aos docentes dentro da própria escola, com foco nas dificuldades e a realidade da escola.

Ainda nessa categoria contemplamos um dos nossos objetivos específicos; se o processo de ensino advindo de professores bilíngues possibilita uma melhor compreensão dos conteúdos pelos alunos surdos do Centro Educacional Bilíngue de Surdos em Goiás evidenciado na fala de todos os participantes.

*P2 – “[...] Sim, a explicação direto do professor sem a mediação do intérprete possibilita uma compreensão mais rápido do aluno, então é fundamental no desenvolvimento dele”.*

*P3 – “[...] aí são uma virada de chave com certeza pro aluno, um professor como referência que seja surdo você percebe o quão esses alunos compreendem mais se o professor nativo da língua, ele olha pro aluno e o compreende mesmo que o aluno dele não saiba expressar ele o entende, você vê a naturalidade dos pares mesmo que não haja língua plena se na parte formal eles se entendem”.*

*P4 – “[...] a compreensão do aluno mediante a um professor surdo e bilíngue é com certeza bem melhor”*

Vale ressaltar a fala do próprio aluno surdo. “[...] entender fácil se professor libras”, da importância do professor bilíngue, da importância da exposição do aluno surdo em um ambiente linguístico favorável a ele, ou seja, no qual a sua língua predomine para que seu desenvolvimento linguístico e cognitivo ocorra.

No entanto, esse ambiente favorável requer a presença de seus pares, ou seja, a participação efetiva dos surdos, em especial daqueles surdos que poderão ser o referencial para esses alunos.

#### **4.3.6 Participação dos Surdos.**

Diante das perguntas relacionadas aos avanços e desafios enfrentados pelo Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia surgiu nessa categoria como desafio a falta de participação e interesse de alguns surdos formados em letras/libras e em outras licenciaturas, alguns com mestrado e doutorados, que poderia contribuir mais com a proposta do Centro Educacional bilíngue de Surdos de Goiânia. De acordo a fala dos entrevistados P3 e P4.

*P3 - “[...] já tem uma base muito consolidada de surdos formados de surdos, você olha para UFG você tem professores surdos lá, poderia estar mais entrelaçada com a instituição”*

*P4 - “[...] um dos desafios de ter o professor surdo qualificado com formação na instituição”.*

Embora o desafio da falta de envolvimento de alguns surdos na proposta de uma escola bilíngue aqui em Goiás, tenha sido constatado na fala de alguns participantes foi percebido também avanços nesse aspecto.

*P6 – “[...] a maioria dos professores são surdos”*

*P3 – “[...] tinha menos professor surdo, hoje cresceu um pouquinho mais né, isso é benéfico para a escola”*

Com embasamento na fala dos participantes, P3 “a maioria” e P6 “cresceu” nota-se avanço por ser observado um certo crescimento na participação de professores surdos atuando na escola.

Apesar de se ter um avanço na participação de surdos frente à docência do Centro Educacional bilíngue a maioria encontra-se na posição de professores em contrato temporários o que poderia ser facilmente resolvido com concursos específicos para docentes surdos, afim de atender a essa demanda de educação bilíngue em Goiás.

Embora a participação do surdo seja de grande relevância nas conquistas da comunidade surda em Goiás, faz-se necessário ir além de participação, requer uma liderança do sujeito surdo mediante a essas conquistas e na categoria a seguir trazemos mediante os desvelos dos dados coletados, os desafios e avanços do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia, nesse quesito de liderança surda.

#### **4.3.7 Liderança surda.**

A liderança aqui pontuada implica o protagonismo na tomada de decisões e na mobilização de esforços coletivos. Essa liderança surda tem desempenhado um papel fundamental na transformação da realidade social, educacional e cultural das pessoas surdas no Brasil e no mundo.

Essa liderança emerge como uma resposta à histórica invisibilidade e silenciamento que marcaram a trajetória da comunidade surda, destacando a importância do protagonismo nas lutas por direitos, garantindo que as demandas da comunidade sejam representadas de forma legítima e eficaz.

Líderes surdos têm promovido conquistas significativas na proposta de educação bilíngue no Brasil como afirma Skliar (1998, p. 42), "a presença de líderes surdos é essencial para que o movimento educacional bilíngue não seja apenas uma política inclusiva, mas uma prática emancipatória". Além de inspirarem sua comunidade, esses líderes impulsionam políticas públicas e currículos que respeitam as especificidades linguísticas e culturais dos surdos. Assim, a liderança surda torna-se um alicerce para uma educação que promove equidade e autonomia.

Reconhecendo a importância dessa liderança nessa categoria percebemos na fala dos participantes P3 e P6 que esse protagonismo surdo é um desafio dentro do Centro Educacional de Surdos de Goiânia.

*P3 - “[...] Que os surdos assumam a liderança na gestão das escolas bilíngues e tomem seu lugar né como profissional como a direção de suas prerrogativas”*

*P6 - “[...] bom se todos na escola fosse surdos libras entender claro”*

*P3 - “[...] no último fórum bilíngue teve fala muito pontual de uma surda que coordenadora e professora de uma escola bilíngue em Brasília, ela é referência. Ela falou assim: Se eu não for quem vai? O surdo tem que sentir essa vivência e se for pelo a vitimização falar assim: Que ela não vai ser coordenadora porque ela é surda e tem que sair da escola para resolver problemas externos na secretaria de educação e ficar com medo de chegar lá não tem é alguém para atender? Ela se tornou ela professora se tornou coordenadora e ela faz questão de bater lá na porta da secretaria de educação e falar eu preciso disso, disso e disso e que eles se virem para atende-la. Né? os surdos precisam tomar as rédeas.*

Complementando essa visão de que falta um pouco mais de representatividade em liderança pelos surdos, Reis e Stumpf (2018, p.72). passam a citar: “Dentro da participação da comunidade surda em seu processo de educação o que conseguimos vislumbrar são os poucos surdos ligados à educação e que se preocupam com a mesma.”

Conforme exposto pelos autores a liderança surda representa um marco na busca por igualdade e reconhecimento. Ela reafirma a capacidade dos surdos de conduzir suas próprias lutas, fortalecendo a identidade coletiva e garantindo que as demandas da comunidade surda sejam ouvidas e respeitadas em todos os âmbitos da sociedade.

No entanto, constatamos nessa categoria que ainda falta essa liderança no Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia. Mostrando ser um dos desafios de acordo com as falas dos participantes P3 “*Que os surdos assumam a liderança na gestão das escolas*” e “*os surdos precisam tomar as rédeas*” e P6 “*se todos na escola*”.

Sabemos que o engajamento do surdo em participar e liderar as suas prerrogativas depende muito de seu envolvimento e fortalecimento de sua identidade junto aos seus pares. Nesse aspecto a aceitação e envolvimento da família é de fundamental importância.

#### **4.3.8 Família.**

A importância de a família de pessoas surdas aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é inestimável, pois ela é o canal principal de comunicação e conexão com o mundo dos surdos e ouvintes.

Quando os familiares aprendem Libras, possibilita o estabelecimento de uma interação mais profunda, promovendo um ambiente de acolhimento e fortalecendo os laços afetivos, o

que é essencial para o desenvolvimento emocional e social do indivíduo surdo. Além disso, aprender Libras demonstra respeito à identidade e à cultura surda, ampliando as possibilidades de diálogo e garantindo que a pessoa surda tenha acesso às informações, trocas familiares e momentos de convívio.

Nessa categoria identificamos como desafios a falta de conhecimento de libras pela própria família, o que dificulta o trabalho que está sendo desenvolvido por toda a equipe conforme salientado na fala de 4 dos 8 entrevistados.

*P2 – “[...]quando a gente encontra eles chegam aqui às vezes eufóricos Aflitos com problema e a gente chama a família para conversar e aí você vai ver a família não sabe libras não comunicam com eles em casa na língua deles, né eles apenas oraliza o tempo todo então para eles é muito sofrido.*

*P5 – “[...]. Essa aquisição tardia de linguagem e a falta de interação com as famílias são os maiores desafio para a aprendizagem e desenvolvimento dos nossos estudantes.’*

Colaborando com o que foi constatado Skliar (2001) nos coloca que, segundo as estatísticas internacionais, cerca de 95% das crianças surdas nascem em família ouvinte que “... geralmente desconhece, ou, se conhece, rejeita a Língua de Sinais.” (Skliar 2001, p. 132).

Temos conforme apresentado pelo autor um índice muito alto de famílias de surdos que não sabem a língua de sinais, trazendo com isso grandes prejuízos no desenvolvimento da criança surda em especial na aquisição de uma língua.

De acordo com Vygotsky (1991) a aquisição da linguagem se dá a partir das relações interpessoais, sendo o meio em que ela está inserida de fundamental importância para seu desenvolvimento. Goldfield (1997, p,71) Corroborar com o mesmo pensamento de Vygotsky ao citar que: “[...] por um atraso de linguagem a criança tem seu aprendizado escolar e conseqüentemente seu desenvolvimento afetado.”

Notamos nessa categoria que a falta de conhecimento da língua de Sinais por parte das famílias é uma realidade geral em nosso país, é desafio para a equipe de profissionais que atua na escola, trazendo dificuldades pedagógicas. Não constatamos nas falas dos participantes nenhum avanço nesse aspecto.

Entendemos a dificuldade em se ter o envolvimento da família no processo educacional do aluno surdo em especial no que se refere a busca do conhecimento da Libras, o que talvez poderia ser amenizado mediante a uma oferta de curso de libras específicos a família de alunos surdos do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia.

A pesquisa realizada na primeira escola bilíngue de surdo a ser implementada em Goiás possibilitou adentrarmos um pouco mais nesse universo da educação de surdos e percebermos que a luta em prol de uma educação de modalidade bilíngue vai além de avanços na esfera legal, requer avanços em desafios enfrentado no dia a dia daqueles que estão ligados diretamente a essa proposta, desafios que precisam ser vencidos para se alcançar a boa qualidade da proposta.

Constatamos frente a análises dos dados coletados os inúmeros desafios enfrentados pelos profissionais do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia e os avanços obtidos mediante esses desafios. Diante da questão envolvendo a implementação da educação bilíngue para surdos em Goiás vimos que houve sempre evidência de luta pela comunidade surda, porém ainda se constitui o desafio de falta de visibilidade dessa árdua luta da comunidade surda em Goiás. Mas avanços têm sido notados com as conquistas de muitas leis de amparo as reivindicações da comunidade surda.

Percebemos também desafios de compreensão das autoridades e órgãos competentes de Goiás, de entender que o Perfil e identidade do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia é diferente das escolas regulares, não podendo a mesma ser tratada nos mesmos moldes das demais escolas. Essa falta de compreensão passa a gerar desafios como por exemplo: Por ser uma escola que atende um grupo específico ela deveria ser mais centralizada visto que, recebe um público que se encontra em toda Goiânia. Pela essa falta de compreensão a escola está localizada em uma região não tão centralizada o que talvez seja um dos motivos pelo qual a escola possua um quantitativo reduzido de alunos.

No entanto, foi percebido avanços nesses aspectos de falta de compreensão do perfil e identidade da escola, ao ser formado um fórum de discussão pela comunidade surda de Goiás, foram convidadas autoridades do estado para entender melhor o que é uma escola de modalidade bilíngue, resultando no atendimento de uma solicitação da escola em implementar um ponto de ônibus em frente à escola, sendo o mesmo inaugurado no mesmo dia em que foi implementada a escola.

Ainda dentro dessa linha de raciocínio de uma escola bilíngue para surdo, ter um perfil e público específico, estando a mesma autorizada a realizar a matrícula apenas de alunos que apresentar laudos constatando deficiência auditiva ou surdez, buscamos a percepção dos entrevistados em uma questão polêmica. Se o Centro Educacional Bilíngue não seria segregativo por ter apenas alunos surdos.

Sendo de forma quase unânime a percepção de que segregar é não fornecer ao aluno surdo condições de acesso ao conhecimento, o que em uma escola bilíngue lhe é ofertado por

lhe proporcionar um ambiente que prioriza sua língua, cultura e identidade. Tendo, porém, a escola um papel inclusivo e não segregativo.

Sendo identificado também nessa pesquisa que muitos alunos surdos e alguns professores ouvintes chegam até a escola sem a fluência da língua de sinais, dificultando com isso todo o trabalho pedagógico da escola, mas que com a convivência com seus pares e o contato com a língua tem promovido avanços nesse aspecto.

Também foi identificado durante a pesquisa que poderia ter uma maior participação dos surdos junto a escola em especial aqueles que tiveram a oportunidade de se qualificarem com graduação, mestrado e doutorado, que poderiam contribuir com essa proposta de uma escola bilíngue para surdo aqui em Goiás e, no entanto, vão atuar em outras Instituições, mas que é percebido também que tem havido avanços, pois hoje na escola a maioria dos professores são surdos.

Percebe-se também que falta na escola e na sociedade uma representatividade da liderança surda, atualmente no Centro Educacional Bilíngue de Goiânia todo o grupo gestor é composto por ouvintes.

Outro fator desafiador da escola está ligado a família dos alunos que em sua maioria não conhece ou não aceita a língua de sinais, gerando com isso a falta de suporte da família no que tange ao processo de aprendizagem do aluno.

Neste aspecto sugerimos o trabalho de uma equipe multiprofissional incluindo psicólogos da escola junto as famílias com cursos de libras específicos a comunicação familiar.

E por fim constamos mediante a fala dos entrevistados inclusive do próprio aluno surdo que a compreensão dos conteúdos flui mais facilmente quando o mesmo é repassado sem a mediação do intérprete e são feitos por profissionais que são bilíngues.

CENTRO EDUCACIONAL BILÍNGUE DE SURDOS DE GOIÂNIA. AVANÇOS E DESAFIOS		
DESAFIOS	AVANÇOS	SUGESTÕES
Falta visibilidade da luta da comunidade surda em prol de uma escola de modalidade bilíngue em Goiás.	As conquistas legais, sendo a lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que reconhece a Língua de Sinais e o decreto 56.26, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a lei.	Maiores movimentos junto as mídias.

Falta de compreensão dos órgãos competentes, do perfil e identidade de uma escola bilíngue de surdos.	Criação do fórum goiano de educação bilíngue, no qual convocou representantes políticos e surdos, a discussão	Outros eventos poderiam ser articulados junto a SEDUC e outros órgãos e Instituições afim de ampliar essa divulgação.
O quantitativo reduzido de alunos.	Não houve avanços	Maior divulgação nas mídias.
Localização da escola	Criação de um ponto de ônibus.	Uma localização mais centralizada.
A falta de fluência de professores e alunos em Libras,	Aquisição da língua tanto pelo aluno quanto pelo professor em decorrência da proposta de uma escola bilíngue ao se proporcionar um ambiente linguístico e a convivência com seus pares, o	Cursos de capacitação dentro da própria escola com foco nas dificuldades e realidades da escola,
A falta de participação e interesse de alguns surdos formados em letras/libras e em outras licenciaturas, alguns com mestrado e doutorados, que poderia contribuir mais com a proposta do Centro Educacional bilíngue de Surdos de Goiânia.	Aumento na participação de surdos frente à docência do Centro Educacional bilíngue	concursos específicos para docentes surdos, a fim de atender a essa demanda de educação bilíngue em Goiás.
Falta essa liderança no Centro Educacional Bilíngue de Surdo de Goiânia.	Não houve avanço	Tornar a proposta de liderança mais atrativa aos surdos.
família dos alunos que em sua maioria não conhece ou não aceita a língua de sinais	Não houve avanço	Um trabalho de uma equipe multiprofissional incluindo psicólogos da escola junto as famílias com cursos de libras específicos a comunicação familiar.

Mediante a pesquisa desenvolvida percebemos que apesar dos avanços ainda existem vários desafios que são enfrentados pelo Centro Educacional Bilíngues de Surdos de Goiânia, evidenciando a emergente necessidade da intensificação e apoio à luta da comunidade surda em nosso estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por meio do aporte teórico no qual nos fundamentamos, organizamos o objetivo geral, que buscou desvelar sob a perspectiva dos profissionais envolvidos a compreensão dos avanços e desafios na implementação da primeira escola de educação bilíngue para surdos em Goiás sob a perspectiva dos profissionais envolvidos.

A partir desse objetivo procuramos compreender através das falas dos participantes, os desafios e avanços por eles enfrentado nos momentos que antecedeu a implementação e nos momentos pós implementação do Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia, visto ser a primeira escola de modalidade bilíngue a ser implementada em Goiás, e o que identificamos nos fez perceber o quanto é importante a educação de modalidade Bilíngue para o desenvolvimento do aluno surdo e o quanto há muito o que se compreender e reivindicar nessa modalidade de educação.

Para garantir essa percepção e contemplar toda essa dinâmica elencamos em três blocos de reflexão (codificação) com algumas categorias de análise: 1 - Implementação da escola bilíngue (movimento da comunidade surda) 2- Perfil da Escola Bilíngue, (com Identidade da escola Bilíngue, fluência da língua Brasileira de Sinais - libras) 3 - Participação dos Surdos. (liderança surda e família).

E para que chegássemos ao objetivo e às categorias mencionadas, nos fundamentamos na seguinte questão norteadora desta pesquisa: Quais os avanços e desafios na implementação de escola bilíngue para surdos em Goiás?

Dessa maneira, é importante enfatizar que no decorrer de toda a pesquisa encontramos subsídios significativos que pode indicar que o objetivo proposto foi alcançado com êxito.

Dentre os principais resultados sobre os desafios destaca-se: Dar visibilidade a luta da comunidade surda, ampliar a compreensão das autoridades e órgãos competentes no que se refere ao perfil e identidade de uma escola bilíngue, a descentralização da escola, um quantitativo reduzido de alunos, o desenvolvimento fluência de muitos alunos e alguns professores na língua de sinais, a falta de participação de surdos graduados e qualificados para atuar junto a escola, contribuindo assim com a proposta de escola bilíngue em goiás, ampliar a liderança surda dentro da escola e pôr fim a falta de conhecimento ou aceitação da família da língua de sinais e conseqüentemente expandir apoio ao processo de aprendizagem do aluno.

No tocante aos avanços é importante ressaltar que foi percebido poucos avanços mediante aos desafios apresentados, por exemplo: Quanto a visibilidade da luta da comunidade

surda em Goiás, houve um avanço ao ser criado um fórum de discussão na qual já se encontra na quarta edição e que são convidadas autoridades locais para participarem, essa ação tem sido positiva, tem fortalecido a luta da comunidade surda resultando em conquistas legais.

Relacionado a não a compreensão das autoridades e órgãos competente no que se refere ao perfil e identidade de uma escola de modalidade bilíngue não houve avanço até o momento dessa pesquisa, a escola continua sendo tratada dentro dos moldes de uma escola regular inclusiva.

No que se refere as questões ligada a participação surda na proposta de escola bilíngue de surdos em Goiás, houve avanço visto que atualmente a maioria dos professores são surdos.

No que tange a fluência em libras por parte dos alunos e professores, foi pontuado um grande avanço. Muitos alunos que chegavam na escola sem noção nenhuma da língua, em pouco tempo já expressavam certo domínio, os professores buscaram no contato com os surdos e outros profissionais fluentes um aprimoramento.

No aspecto da descentralização da escola, houve um avanço significativo, ganhou junto as autoridades a implantação de um ponto de ônibus em frente à escola.

Sobre uma melhor compreensão dos conteúdos pelo aluno surdo mediante ao professor bilíngue, observou que sem dúvida essa compreensão é maior e mais rápida do que mediada por um intérprete.

Quanto a questão levantada sobre a escola ser segregativa devido ao perfil da escola que é somente para surdo, foi pontuado de forma unânime que não, pois a escola assume o papel de inclusão a partir do momento que proporciona um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento e autonomia ao sujeito surdo.

Estes resultados levaram a contribuições teóricas, acadêmica, prática e sociais, com respeito as contribuições teóricas a presente pesquisa traz em seu escopo um tema ainda incipiente por se tratar da primeira escola bilíngue a ser implementada no Estado de Goiás, trazendo assim grandes contribuições para âmbito acadêmico.

Concernentes as contribuições práticas da presente pesquisa os resultados aqui apresentados relativo aos desafios e avanços vivenciados pelo Centro Educacional Bilíngue de Goiânia encontra-se como suporte aos gestores nas futuras propostas de implementação de outras escolas nessa modalidade bilíngue.

Os achados desta pesquisa poderão ser úteis aos docentes que visam atuar nessa modalidade, tendo em vista que traz os desafios e avanços encontrados por esses profissionais em sua atuação junto a essa proposta de educação bilíngue para surdos.

Como contribuição social, os resultados obtidos possibilitam um maior conhecimento da sociedade no que se refere a modalidade de educação bilíngue para surdos, bem como, os desafios enfrentados que poderão ser amenizados com o apoio da sociedade fortalecendo assim a luta da comunidade surda em prol da implementação de mais escolas de modalidade bilíngue.

Quanto as limitações da pesquisa, ressalta-se que a disponibilidade dos profissionais entrevistados, tendo em vista que a rotina de profissionais da educação é intensa, alguns possuem tripla jornada de trabalho, sendo necessário reagendamento e algumas entrevista serem realizadas via Whatsapp.

Outra limitação se deu pelo fato de que o Centro Educacional Bilíngue de Surdos de Goiânia como escola oficialmente de modalidade bilíngue é relativamente novo, com apenas 2 anos de implementação, tendo ainda muitos outros desafios a surgir e muitos avanços a serem evidenciados.

É importante destacar que os resultados não são conclusivos, portanto, sugere que futuras investigações possam ampliar a compreensão sobre os desafios e avanços que ainda serão enfrentados.

Deixamos a futuras investigações o aprofundamento de um tema bem relevante concernente ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo em escolas bilíngues mediante o professor bilíngue.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Dulce Barros de. **Do especial ao inclusivo?** um estudo da proposta de inclusão escolar da rede estadual de Goiás no município de Goiânia. Faculdade de Educação. 2003.

204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2003

ASG. Associação de Surdos de Goiânia. Disponível em: <https://asgoiania.org.br/> Acesso em: 23 Dez. 2024.

Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016

Barreto, Maria Ângela de Oliveira Champion. **Educação inclusiva:** contexto social e histórico, análise das deficiências e uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. São Paulo: Érica, 2014.

Boni, V.; Quaresma, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan.-jul., 2005.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Resolução n. 44/25, de 20 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2005

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Lei n. 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Seção 1, p. 1-8. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm).

BRASIL. **Secretaria de Educação Especial Deficiência Auditiva** / organizado por Giuseppe Rinaldi *et al.* - Brasília: SEESP, 1997.VI. - (série Atualidades Pedagógicas; n.4)

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. RINALDI, Giuseppe (Org.). **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental Deficiência Auditiva**. v. 1. Brasília: MEC/SEESP, 1997, v. 1.

Brito, Fábio Bezerra. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Bueno, Enilda Rodrigues de Almeida. **Fenomenologia e a ressignificação do trabalho docente**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

Campello, Ana Regina; Rezende, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. Educ. Rev., Curitiba, número esp 02, p.7192, ago.2014. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000400006&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000400006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 dez. 2024.

Ciccone, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégias a pessoa surda. 2ªed.Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS, 1990, Jomtien. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien: UNESCO, 1990. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127583>. Acesso em: 22 fev. 2024

Coralina, Cora. **Biografia e poemas**. Poema: Não sei. Disponível em: <https://www.contandohistorias.com.br/historias/2006288.php> Acesso em: 15/05/2024

Costa, Maria da Piedade Resende da. Orientações para ensinar deficiente auditivo a se Comunicar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 1, n. 2, p.53-62,1994.

Damázio, Mirlene. Ferreira. Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com Surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. 52p.

Demo, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

FENEIS (2013) – **Nota sobre Educação de Surdos na Meta 4 do PNE**. 19 de setembro de 2013. Disponível em: <https://blog.feneis.org.br/nota-meta-4-do-pne/> Acesso em: 15/05/2024.

Fernandes, Stela. **Surdez e educação: uma proposta bilíngue**. São Paulo: Editora Paulinas, 1990.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico**. 1. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: [[https://loja.editorapositivo.com.br/dicionarios/aurelio - digital](https://loja.editorapositivo.com.br/dicionarios/aurelio-digital)]. Acesso em: [16/10/2023].

Gatti, Bernadete Angelina; SÁ BARRETO, Elba Siqueira de (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. 294 p.

Gesueli, Zilda Maria. Título do artigo. Educ. Soc., Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006.

Gesser, Audrei. **Libras? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Gohn, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997

Goiás. Lei nº 12.081, de 30 de agosto de 1993. Vide Lei Federal nº 10.436, de 24-04-2002. Reconhece oficialmente no Estado de Goiás, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/82684/pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

Goldfeld, Ni. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo, SP: Plexus, 1997

Honora, Márcia; Frizanco, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais**. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

Jesus, Jefferson Diego de. **Educação bilíngue para surdos: um estudo comparativo da escola bilíngue e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola inclusiva**.

(Dissertação); Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFPR, Curitiba, 2016.

Kaster, Aline de Castro e. **Análise do impacto da pandemia do coronavírus (Covid-19) na educação de estudantes surdos em uma escola bilíngue.** (Dissertação); Universidade Federal de Pelotas; Programa de Pós-graduação em LETRAS-PPGE-UFPEL; Pelotas, 2022.

Lacerda, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Caderno Cedes**, vol. 19, n 46. Campinas, 1998.

Lebedeff, Tatiana Bolívar. **Aprendendo a ler “com outros olhos”:** relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação*, Faculdade de Educação – UFPel. 2010. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/5086/4334> Acesso em: 05 de novembro 2024.

Lodi, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v.39, n. 1, p. 49-63, jan./mar. 2013.

Lorenzini, Nydia Mara Pinheiro. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Lourenço, Katia Regina Conrad. **Políticas públicas de inclusão:** o surdo no sistema de educação básica regular do Estado de São Paulo. (Dissertação); PUCSP; Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-PUCSP, São Paulo, 2013.

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Minayo, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed., São Paulo: Hucitec, 2008.

Monteiro, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 292–305, 2006. DOI: 10.20396/etd.v7i2.810. Disponível em:<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/810>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ONU. Organização Das Nações Unidas. **Declaração da 24ª Sessão da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Nova York, 2020. Disponível em: [<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>]. Acesso em: 22/02/2023.

ONU. Organização Das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 22/02/2023.

Padden, Carol. Sharing a cultura. In: WFD News. **Magazine of the World Federation of the Deaf.** Março, 1993, p. 5 - 8.

Perlin, Gládis Teresinha Tachetto. Identidades surdas. In: (Org.) Skliar, Carlos. **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Perlin, Gládis. Identidades surdas. In: Skliar, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre/RS: Mediação, 1988, p. 60 -71

Petrelli, Rodolfo. **Fenomenologia teoria, método e prática**. Goiânia: ECG, 2001.

Pires, Edna Misseno. **O Estado do Conhecimento sobre Educação de Surdos: Discurso Educacional Brasileiro e internacional**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018.

Porto, Shirley Barbosa das Neves. **Sou surdo e não sabia?** Situação linguístico, cultural e educacional dos surdos em Sumé/PB e o processo de implantação da escola bilíngue no município. 2014. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

Reis, Flaviane Reis, and Marianne Rossi Stumpf. "Um olhar sobre as Lideranças Surdas na Educação Bilíngue." *Revista Fórum*. 2018.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Alteridade. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (orgs.). **Dicionário: rumo à civilização da religião e ao bem viver**. 1. Ed Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021. P.21

Quadros, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Quadros, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Quadros, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Quadros, Ronice Müller de. **O professor de língua de sinais: formação, língua e atuação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2000.

Quadros, Ronice; LILLO-Martin, Diane; Pichler, Deborah. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2006.

Quirós, J. Bernaldo de; Gueler, F. S de. **La comunicación humana y su patologia: Ensayo Histórico hasta 1900**. Buenos Aires, Argentina: Casa Ares. (Acervo INES). 1966.

Reis, Marlene Barbosa de Freitas; Barretos, Claudia S. G. Educação inclusiva: do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade. **Polyphonia**, v. 22/1, jan./jun. 2023.

Sá, Nelson Pereira de. **Escola de surdos: Avanços, retrocessos e realidades**. (Dissertação); Universidade Federal do Amazonas Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFAM; Manaus, 2011.

Sá, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

Sá, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos**: a caminho do bilinguismo. Niterói: EduFF, 1999.

Sacks, Oliver. **Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA. 1997

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1.

**Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 57, jul./ago. 2007, p. 8-16

SILVA, Adriana Ramos. **O desafio do bilinguismo para alunos surdos no contexto da inclusão**: o caso de uma escola municipal do Rio de Janeiro. (Dissertação); Universidade Federal do Rio de Janeiro; Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE-UFRJ; Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Carine Mendes da. **Estratégias Pedagógicas Desenvolvimento humano**: Um estudo sobre uma Escola Bilíngue Para surdos do Centro Oeste. (Tese); Universidade de Brasília (UNB); Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde-PGPDE-UNB; Brasília, 2020.

SILVA, Georgia Clarice da. **A educação escolar de surdos na perspectiva bilíngue de uma escola especial**. (Dissertação); Universidade Estadual de Goiás Campus de Ciências sócio Econômica e Tecnologia; Mestrado Interdisciplinar em Educação e Tecnologia. -PPG-IELT-UFG; Anápolis, 2015.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentido na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus; 2001.

SOUZA, M. G. (2016). **Diversidade linguística e cultural no ensino de surdos**: A Libras como língua de ensino. *Educação e Sociedade*, 37(134), 58-71.

SKLIAR, Carlos *et al.* (Org.). **Educação e exclusão**: abordagens socioantropológicas em educação especial. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998, p. 15.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

STROBEL, Karin. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91978>. Acesso em 12/07/2024

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

Disponível em: [História da educação de surdos - Karin Strobel - arquivo em pdf](#). Acesso em 22/02/2024.

STUMPF, Marianne Rossi. **Práticas de Bilinguismo relato de experiências**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p. 285 –291, 2006.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

YIN, Robert. **Estudo de Caso- Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## ANEXOS

Perguntas a serem feitas durante a entrevista;

Para gestor

- 1) Como surgiu essa proposta de implementação de escolas bilíngues em Goiás?
- 2) Quais os desafios enfrentados pela gestão na implementação da primeira escola em modalidade bilíngue em Goiás?
- 3) Quais os avanços conquistados pela gestão do Centro educacional de educação bilíngue para surdos de Goiânia?

Para Coordenação:

- 1) Como surgiu essa proposta de implementação de escolas bilíngues em Goiás?
- 2) Quais os desafios enfrentados pela coordenação Pedagógica em uma escola de modalidade bilíngue?
- 3) Quais os avanços conquistados em caráter pedagógicos?

Professores surdos:

- 1) Como surgiu essa proposta de implementação de escolas bilíngues em Goiás?
- 2) Quais os desafios enfrentados pelo professor surdo em uma escola de modalidade bilíngue?
- 3) Quais os avanços conquistados desde a implementação do Centro educacional de educação bilíngue para surdos de Goiânia?

Professores ouvintes:

- 1) Como surgiu essa proposta de implementação de escolas bilíngues em Goiás?
- 2) Quais os desafios enfrentados pelo professor ouvinte em uma escola de modalidade bilíngue?
- 3) Quais os avanços conquistados desde a implementação do Centro educacional de educação bilíngue para surdos de Goiânia?

Professor do AEE

- 1) Como surgiu essa proposta de implementação de escolas bilíngues em Goiás?
- 2) Quais os desafios enfrentados pelo professor de AEE em uma escola de modalidade bilíngue?
- 3) Quais os avanços conquistados desde a implementação do Centro educacional de educação bilíngue para surdos de Goiânia?

Para o professor surdo que trouxe libras para Goiás:

- 1) Como se deu a inserção de libras em Goiás?
- 2) Quais foram os maiores desafios?